

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

**Percursos da educação das relações etnicorraciais em uma
turma dos anos iniciais**

Laysla Carneiro Abreu da Silva

Porto Alegre

2019

Laysla Carneiro Abreu da Silva

**Percursos da educação das relações etnicorraciais em uma
turma dos anos iniciais**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Faculdade de
Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito
básico para a conclusão do Curso de
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Caroline
Pacievitch

Porto Alegre

2019

Dedicatória

Dedico este trabalho a pessoas muito especiais na minha vida.

Aqueles que estiveram comigo desde o meu nascimento.

A minha avó, referência de ancestralidade, griô e yalorixá. Obrigada vó por ser tanto.

A minha mãe, ex-educadora popular, incentivadora dos meus estudos, meu primeiro contato com livros sobre educação antirracismo. Eu te amo tanto.

A minha madrinha, por ter sido minha inspiração desde o início. Obrigada por ter aberto a primeira porta para que eu atuasse como educadora. Segui nesse caminho graças a você.

Ao meu pai, por perder vários dias com a sua família para ajudar a manter nosso sustento. És um guerreiro. Te amo

*Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
..... livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
..... cantos
em furiosos tambores
..... ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei*

Encontrei minhas origens - Oliveira Silveira

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata de uma pesquisa sobre práticas realizadas ao longo do estágio curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, em uma instituição pública federal de Porto Alegre/RS. Seu propósito é contribuir na reflexão sobre a necessidade de se desenvolver um trabalho pedagógico voltado à educação antirracista na Educação Básica e para a efetivação da Lei nº 10.639/03, assim como, contribuir para que professores (as) negros (as) e brancos (as) possam pensar em propostas a partir do princípio de trabalho pedagógico com a educação das relações etnicorraciais. Tendo em vista que, a maioria dos (as) professores (as) em Universidades e na instituição em que realizei o estágio são brancos, este trabalho contribui para que os mesmos questionem quais as práticas estão sendo adotadas por eles para que a Lei 10.639/03 seja efetivada em sala de aula. A questão central do estudo foi definida como: “Como foram os percursos da educação das relações etnicorraciais durante a prática docente num terceiro ano do Ensino Fundamental?”, com os principais objetivos centrados em observar e refletir sobre o processo de integração social de alunos negros na sala de aula, assim como a percepção de alunos negros e não-negros sobre as relações etnicorraciais e refletir sobre a desconstrução do mito da democracia racial e os processos de aprendizagem a partir da educação das relações etnicorraciais. Os principais referenciais para realizar as análises sobre minha prática pedagógica foram Nilma Lino Gomes ao ressaltar a importância do cabelo como símbolo identitário, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva com o conceito de “africanidades” e Wilma de Nazaré Baía Coelho e Mauro Cezar Coelho questionando a falta de atividades que incluam as africanidades no cotidiano escolar. A metodologia desta pesquisa se deu por uma abordagem qualitativa e documental. Concluiu que ajudar na construção de uma educação antirracista contribui para que tenhamos uma sociedade consciente e igualitária, possibilitando a escola e aos sujeitos uma pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão e da emancipação.

Palavras-chave: Educação das relações etnicorraciais; Educação antirracista; propostas pedagógicas

Sumário

1. Introdução	9
2. Ações Afirmativas e Educação para as Relações Étnico-Raciais sob a Lei 10.639/2003	14
2.1 Inspirações da FAGED	17
2.2 Caminhos para uma educação antirracista na prática	19
3. Metodologia de pesquisa	24
3.1 A sala de aula como ambiente de produção das fontes de pesquisa ..	26
4. Um olhar sobre a escola	29
4.1 Um olhar sobre minha docência	31
5. Propostas pedagógicas	34
5.1 Produção de conto dobre o baobá.....	34
5.2 Ilustração do conto dobre o baobá	36
5.3 Relato sobre a visita aos Territórios Negros	37
5.4 A criação do orixá como super-herói	40
5.5 Descrição a partir de fotos	41
5.6 Relato sobre professora estagiária	44
5.7 Parecer de aprendizagem e desenvolvimento.....	45
6. Considerações finais	47
7. Referências bibliográficas	50
8. Anexos	55

1. Introdução

No estudo de Nilma Lino Gomes (2008) a autora afirma que entende a identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora, esta relação ela descreve como tensa, conflituosa e complexa.

Essa complexidade na relação do negro com o olhar do outro se manifesta de formas diferentes em cada cidadão e comigo não foi diferente. O olhar do preconceito que sempre esteve presente, mesmo que de muitas vezes de maneira silenciosa, já me fazia sentir a diferenciação de tratamento, mas essas relações moldaram minha identidade durante meu crescimento. Com doze anos comecei a usar um certo tipo de relaxamento para os cabelos, para que eles fossem “domados” e seu aspecto “bagunçado” não incomodasse o olhar do outro. Me questionava como as cantoras negras americanas tinham cabelos tão lisos, aos quinze anos conheci a tecnologia capaz de deixar os cabelos lisos como das divas americanas e resolvi passar por esse processo. Nunca recebi tantos elogios na minha vida quanto após aparecer com meus cabelos lindos, brilhantes, longos “saudáveis” e bem lisos. Assim começou um processo difícil, mas muito comum que é praticamente um auto preconceito, um desfoque da própria imagem, uma adequação ao “aceitável”, foram anos acordando mais cedo do que o normal para lavar os cabelos, secar e fazer a tão famosa e amiga chapinha. Se algum pedacinho da raiz do cabelo estivesse ondulada abalava minha autoestima e procurava alisar o máximo possível para me sentir aceita pela sociedade com meu cabelo “Tão liso que parece natural, tão liso que nem parece negra.”. Leni Dornelles ressalta esse processo de auto preconceito como “pedagogia da beleza” que é exercida pelo meio midiático em que imagens e discursos são carregados de significados, a autora diz que “esse modelo leva crianças de lugares os mais diferentes a quererem modificar seus corpos com o objetivo de fazê-los parecer o mais possível com os “normais” e “bonitos”. (DORNELLES, 2012, p.31)

Aos dezesseis anos, comecei a trabalhar como professora de Educação Infantil em um centro de educação infantil particular que tinha como proprietária e diretora minha madrinha Simone Carneiro, uma professora negra e

batalhadora. Naquela época, eu não tinha experiência, nem curso, apenas a vontade de trabalhar e aprender. Assumi uma turma com nove crianças de dois anos e fazia meu planejamento baseado no projeto do centro e no cronograma da semana. Trabalhei nesse centro de educação infantil por um ano e meio antes de ser vendido. Com dezoito anos, comecei a trabalhar em uma escola de Educação Infantil com mais de 24 anos de existência. Com experiência, sem curso, muita vontade de trabalhar e aprender, passei a ser auxiliar de turma. Estava terminando o Ensino Médio e a diretora da escola onde trabalhava me ofereceu um curso de Educadora Assistente, nesse curso veio para confirmar e entender que trabalhar com a Educação era algo que eu queria para a vida toda. Concluí o Ensino Médio e comecei a cursar o Curso Normal em Nível Médio¹ do Instituto de Educação General Flores da Cunha, lá me via cada vez mais envolvida com a Educação e cada estudo, cada mini prática me deixavam mais satisfeita com o meu trabalho, me impulsionando a buscar mais para a minha vida profissional. Foi então que fiz o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para cursar Pedagogia e passei pelo sistema de cotas raciais, socioeconômicas e de escola pública.

Em agosto de 2015 comecei a cursar Pedagogia e fazer o estágio obrigatório do Magistério com uma turma de quinto ano em uma escola pública de Porto Alegre. Nunca tive a oportunidade de estudar sobre as relações étnico-raciais, mas em casa tinha incentivo da minha mãe que me emprestava alguns livros sobre o assunto e assim tornou-se possível um projeto sobre africanidades com minha turma. Foi durante esse projeto que percebi que não fazia sentido alisar os cabelos e incentivar minhas alunas negras a amarem seus cabelos cacheados. Parei de alisar o cabelo para que voltasse a sua forma original, passando assim pela transição com meus alunos como maior fonte de apoio. Tinha muita força de vontade, muita garra e vontade de oferecer para meus dezoito alunos do estágio uma educação antirracista e que os tornassem mais respeitosos, voltado para um olhar de conscientização e normalidade as diferenças étnicas e sociais.

Nilma Lino Gomes argumenta que

¹ Formação em Magistério para concluintes do Ensino Médio.

“O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico, ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo indenitário” (GOMES, 2003, p. 174)

Terminei o estágio obrigatório e segui com a transição, mas não segui estudando sobre as Relações Etnicorraciais. Percebo que a Universidade não nos abre esse espaço de representatividade do negro na Faculdade de Educação, apenas e somente a área das Ciências Sócio-Históricas oportunizou a leitura de um texto significativo para as questões raciais na educação, além de oportunizar uma visita aos Territórios Negros de Porto Alegre. Porém, foi no estágio curricular obrigatório da Pedagogia que finalmente comecei os meus estudos, pois elaborei um projeto sobre as Relações Etnicorraciais em parceria com a professora titular da turma.

As relações etnicorraciais na educação básica são de suma importância para uma educação antirracista desde o início da escolarização. Sendo assim, a lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana visando atender a demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos. De modo geral, para a importância da lei 10.639/03 para reparação histórica na sala de aula, Meinerz afirma que:

Na história do Brasil, a diferenciação étnico-racial é tão intensa que se fez imperiosa a criação de movimentos para a afirmação da necessidade de construir um contexto de reparação histórica, esse que nos é dado viver nos dias atuais. É preciso destacar que muitos brasileiros, organizados em movimentos de pertencimentos étnico-raciais diversos, como os negros e indígenas, construíram esse processo de reivindicações e lutas, constituindo de posições e políticas públicas recentes do país. (MEINERZ, 2017, p. 67)

Pensando nessa diferenciação etnicorracial, minha pesquisa objetiva destacar como foram os percursos da educação das relações etnicorraciais durante a prática docente num terceiro ano do Ensino Fundamental, turma essa

em que realizei o estágio curricular obrigatório. Tanise Muller Ramos², professora titular da turma em que realizei o estágio desenvolve ações educativas e práticas pedagógicas para a educação para as relações etnicorraciais condizentes com a Lei 10.639/03, o art. 26 A da LDB e com as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais, de modo que seus alunos estão sensibilizados quando o assunto é ERER³, passam suas aprendizagens no cotidiano com os demais alunos do colégio e estiveram dispostos e encantados com o trabalho voltado para a ERER realizado no período do estágio.

Esta pesquisa analisa as práticas pedagógicas desenvolvidas no estágio curricular e está dividida em seis capítulos, sendo que o capítulo um aborda a introdução; o capítulo dois aborda o referencial teórico; o capítulo três aborda a metodologia; o capítulo quatro contextualiza brevemente a escola em que o estágio curricular foi realizado e aborda as questões sobre minha docência; o capítulo cinco aborda a análise das propostas pedagógicas e o capítulo seis traz as considerações finais.

É necessário, porém, avaliar no sentido acadêmico, o conjunto do percurso a fim de realizar a autocrítica e sintetizar algumas propostas para futuros professores e professoras.

Vale ressaltar que Nilma Lino Gomes defende as práticas voltadas para as relações etnicorraciais condizentes com a Lei 10.639/03 e com as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ressaltando o seguinte trecho das Diretrizes:

Isso requer mudança nos discursos, nos raciocínios, nas lógicas, nos gestos, nas posturas, no modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e sua cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente

² Professora Dra. Tanise Muller Ramos atua como professora dos anos iniciais na área de humanidades do Colégio de Aplicação da UFRGS, assim como em diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão, com destaque para a educação das relações etnicorraciais, focando o ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Sua tese de mestrado intitulada "Tecendo tramas, trançando gentes: narrativas constituindo identidades em uma escola pública municipal de Porto Alegre/RS no ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira" fora inspiração para mim ao decorrer da presente pesquisa.

³ ERER: Abreviação para Educação das Relações Etnicorraciais.

desconstruir o mito de democracia racial na sociedade brasileira
(MEC, 2012, p. 29)

Carla Beatriz Meinerz afirma que o mito da democracia racial se dá pois,

[...]Também é singular o desenvolvimento de uma ideia convencionada como mito da democracia racial, sistematizada e propalada por um conjunto de intelectuais das primeiras décadas do século XX, a exemplo de Gilberto Freyre. Essa noção é ainda presente em parte do imaginário social partilhado que retrata quem somos como nação e como povo. É igualmente responsável, ainda hoje, por tratar a pluralidade cultural e a miscigenação como correspondentes de uma pretensa convivência harmônica entre distintos grupos étnico-raciais, desconhecendo as desiguais possibilidades de acesso e ascensão social, características da organização social brasileira. Trata-se de uma incongruência, pois o mito da democracia racial já foi descartado oficialmente pelo Estado Brasileiro, na Conferência Mundial realizada em Durban, África do Sul, em 2001. (MEINERZ, 2017, p. 66)

Sendo assim, responderei aos meus objetivos analisando a desconstrução do mito da democracia racial e os processos de aprendizagem e a sensibilização sobre a educação das relações etnicorraciais para o grupo de estudantes.

2. Ações Afirmativas e Educação para as Relações Etnicorraciais sob a Lei 10.639/2003

A Lei 10.639/03 que está inserida nas políticas nacionais de Ações Afirmativas e torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, é uma conquista e uma forma de reparação histórica da luta dos negros pelo direito de estudar. Essa luta pelo direito de estudar se iniciou algumas décadas antes do fim da escravidão. José Antônio dos Santos (2017) afirma que:

A questão da educação dos negros entra em pauta nacional nas discussões sobre o fim da escravidão, por volta de 1870, dentro de um processo inicial de debates sobre a formação da nação brasileira que se estende até a primeira metade do século XX. (SANTOS, 2017, p.41)

Ressalta também que em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, não podemos esquecer que 95% dos descendentes de africanos do país já eram livres e muitos deles já dominavam os códigos da leitura e escrita. (Santos, 2017, p. 41). Porém, os escravos foram excluídos do acesso à educação e o Estado não teve iniciativa de garantir educação, assim como outros direitos básicos, para essas pessoas que eram vistas como “coisas” e não como cidadãos de direitos.

Na esfera educacional, foi principalmente no pós-abolição que o Movimento Negro buscou construir referências positivas para a população afro-brasileira na luta antirracista, procurando reparar os danos sociais, políticos, psicológicos e materiais causados durante a escravatura no Brasil. Os negros precisaram se organizar para essa luta, pois a política de branqueamento do Estado e o mito da democracia racial eram reais e impediam o desenvolvimento, os direitos e o reconhecimento do negro como cidadão. Petrônio Domingues aponta três motivos para a teoria da democracia racial:

No quadro de correlações de forças raciais pós-abolicionista, supomos que a saída pela teoria da democracia racial era providencial por três motivos. Primeiro, desarticulava e/ou evitava a luta de qualquer movimento de retaliação dos manumitidos contra os ex-senhores, uma espécie de acerto de contas derivado do acúmulo de ódio racial. Segundo, minou

qualquer possibilidade de o Estado brasileiro implementar políticas compensatórias em benefício dos ex-escravos e seus descendentes, como forma de reparo às atrocidades, aos danos e à expropriação causados pelo regime escravista. Terceiro, isentava o ex-senhor de qualquer responsabilidade sobre o destino dos manumitidos, nas condições em que se construiria um mercado livre de trabalho. Uma vez que culminou sendo adotado como ideologia oficial, o mito da democracia racial gerava uma sensação de alívio entre os brancos no seu conjunto, a ponto de se sentirem eximidos de qualquer obrigação pelo drama da população negra. A sociedade parecia não impor nenhum tipo de barreira ao progresso dos mais capazes. (DOMINGUES, 2005, p. 118.)

Após a escravidão no Brasil e a demora para a abolição da mesma, o mito da democracia racial foi mais um grande erro ao negarem apoio, direitos e acessibilidade aos ex-escravizados para a inserção na sociedade brasileira de forma justa e no mínimo digna, após 300 anos de escravidão e culminou na árdua luta que nós negros temos enfrentado durante décadas para tentativa de reparação histórica. Nilma Lino Gomes, ao falar sobre o mito da democracia racial, acrescenta que esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. (GOMES, 2005, p. 57.)

Em 1995, em Brasília/DF, a Marcha Zumbi que aconteceu no dia do aniversário de 300 anos de Zumbi dos Palmares, reivindicou a formulação e execução de políticas públicas para o povo negro. A Marcha foi recebida pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso que assinou o decreto que instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra. Os resultados desta ação ainda repercutem na formulação de políticas públicas no Brasil.

O Estado tem a responsabilidade de ofertar um trabalho que contemple a demanda do combate ao racismo, oportunizando a construção de identidades através da valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, promovendo reflexões, debates e estratégias pedagógicas de qualidade.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola. (BRASIL, 2004, p.13)

Sendo assim, o Estado tem que encontrar maneiras de adotar políticas que apoiem a luta antirracista nos demais âmbitos sociais além da escola, visando assim acabar com o racismo institucional.

Face às lutas e causas do Movimento Negro, em janeiro de 2003, o Governo Federal aprovou a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica das escolas públicas e privadas.

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional,

resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

A Lei é uma conquista histórica por reparações aos negros e pela busca de uma educação antirracista para uma sociedade mais justa e livre de discriminações raciais de forma correta e concreta, sem o mito da democracia racial camuflando o racismo.

Apesar de as discussões em prol do negro na escola estarem avançando, isso não quer dizer que temos uma escola livre de racismo e exclusão, mas sim alertar para as injustiças cometidas há séculos de modo que se faça uma reparação histórica para que o negro seja valorizado em todos os âmbitos da sociedade.

2.1 Inspirações da FAGED

Ao iniciar a pesquisa bibliográfica para este trabalho, encontrei quatro trabalhos de conclusão de curso da Pedagogia UFRGS com a mesma inspiração que o meu e que chamaram minha atenção. Esses trabalhos me inspiraram no norte de alguns referenciais teóricos, na montagem do meu trabalho e em como conduzir minhas análises. São eles:

- **A diversidade étnico-racial, cultural e suas repercussões no ambiente escolar.** Autoria de Fabiana Pires da Silva
- **Uma escola ilegal: Limitações e inconsistências da implementação da Educação para as Relações Étnicorraciais.** Autoria de Fabiane Oliveira Machado

- **Pertencimento étnico-racial, negritude e literatura: narrativas e produções de crianças dos anos iniciais.** Autoria de Kyanny Denardi da Costa
- **“OLHA PROFE, EU PAREÇO COM ELA!”: As Implicações da EREER na Construção de Identidade Racial.** Autoria de Michelle Maciel Ribeiro

Preparei um quadro⁴ para analisar alguns pontos da estrutura dos trabalhos, foram eles: introdução, metodologia, objetivos, análise e considerações.

Na introdução, percebi que das quatro autoras, três destacam sua trajetória como menina e mulher negra. Duas revelam que não se percebiam como negras na infância e que esse movimento de pertencimento se deu através de reflexões na universidade, uma delas em um coletivo negro do movimento estudantil. A quarta autora não se auto-declara e fica subtendido que a mesma não é negra pois, todas fazem o movimento de analisar suas trajetórias como negras no contexto escolar, social, docente e discente.

Na metodologia, duas autoras consideram suas pesquisas como estudo de caso com caráter qualitativo sendo uma delas parcialmente documental, uma considera sua pesquisa documental e outra considera uma pesquisa de campo com coleta de dados.

As respectivas pesquisas tem, na mesma ordem do quadro (ordem alfabética por nome inicial de cada autora): compreender como foram e são construídas as relações raciais dentro do espaço escolar; entrevistar professoras de escolas públicas e privadas de Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais; analisar a problemática das relações etnicorraciais através da análise de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental; analisar como determinadas situações ocorrem no dia-a-dia, de que modos se expressam.

Nas análises, três autoras analisam suas práticas pedagógicas realizadas no estágio curricular obrigatório do curso de licenciatura em Pedagogia, práticas essas voltadas para uma educação antirracista com projetos sobre a África. Analisam como se deu o processo de aprendizagem dos estudantes referente ao projeto, uma delas vai além ao entrevistar a equipe diretiva sobre quais os métodos adotados para combater o racismo na escola e traz gráficos para

⁴ O quadro de análise se encontra nos anexos.

analisar os resultados da pesquisa. Já a quarta autora analisa as entrevistas que realizou para compreender como a Lei 10.639/03 está inserida no contexto pedagógico das professoras entrevistadas.

Em suas considerações, as autoras afirmam o quanto a Lei 10.639/03 ainda precisa de mais visibilidade e efetividade, concluindo que a Lei caminha em passos lentos e que a escola brasileira ainda é racista ao incluir pessoas negras e excluir os saberes da história e da cultura afro-brasileira e africana. Também ressaltam a importância de o professor desconstruir estereótipos e privilégios para possibilitar outras realidades além do ambiente eurocentrado em que a escola se constitui.

Ler as quatro pesquisas citadas acima foi muito importante para a minha pesquisa pois percebi o quanto as estudantes da Pedagogia, na maioria negras, se interessam em levar para os alunos do estágio uma educação voltada para a EREER e como isso impulsiona para a escrita do trabalho de conclusão de curso.

2.2 Caminhos para uma educação antirracista na prática

Buscando contribuir com a efetivação da Lei 10.639/03, realizei um projeto sobre africanidades intitulado *O baobá, a África e suas riquezas* no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As africanidades segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva⁵ são um legado africano, uma herança que mulheres e homens deixaram para nós, povo brasileiro. Ainda segundo a autora:

Ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. (SILVA, 2005, p. 155)

O objetivo do projeto era o de ampliar as discussões sobre o continente africano, suas culturas e identidade étnico-raciais, visibilizando o importante papel que os negros tiveram nas lutas por direitos e conquistas de lugares sociais

⁵ A Professora Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é graduada em Letras pela UFRGS, com licenciatura em português e francês. Tem trajetória no âmbito da Educação e foi relatora na comissão que elaborou a lei 10.639/2003. Foi aluna do Colégio de Aplicação da UFRGS.

e ainda estabelecendo uma relação de respeito às diferenças e a diversidade social com os estudantes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana afirmam que:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. (BRASIL, 2004, p.15)

Nilma Lino Gomes afirma que o etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras (GOMES, 2005, p.53) e exceder essa superioridade etnocêntrica na educação, dando espaços para novos saberes e novas culturas é fundamental para fazer valer a Lei 10.639/03 de forma efetiva para assim criar estratégias de combate ao racismo na escola, de valorização da população negra na educação e para positivar o lado negro de cada criança.

Para efetivar esse lado é necessário que se faça um trabalho voltado para a identidade negra para oportunizar essas crianças a se sentirem bem com elas mesmas e com sua negritude pois, assim como ressalta Nilma Lino Gomes “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, basicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)[...]” (GOMES, 2005, p.43).

Nesse processo de negar-se a si mesmo, muitos assumem a branquitude. Antônio Olimpo de Sant’Ana ressalta o porquê de muitos negros e negras assumirem a branquitude:

Não há dúvida, é a partir da cor da pele – que é o sinal mais visível – que aquele ou aquela que discrimina identifica sua vítima. Exatamente por causa do tremendo incômodo que muitos negros e negras sentem por causa da cor da sua pele é que se desenvolveu no interior de muitos negros e negras a *branquitude* [...] (SANT’ANA, 2005, p.59)

Esse incômodo é fruto de todo o processo de branqueamento que nosso país tentou passar, a fim de mostrar para os supremacistas brancos a miscigenação como salvação do país e de toda a história mal contada sobre os negros no Brasil, sempre os colocando em uma imagem negativa na sociedade. Lourenço Cardoso (2014) afirma que “O branco, ao construir socialmente o negro, é um vir-a-ser: belo, inteligente, civilizado, superior, imagem que se reforça com a autodesqualificação do negro.” (CARDOSO, 2014, p.80.)

A branquitude é constituída como o padrão de sociedade ideal desde a colonização no Brasil, um padrão europeu que se alastrou pelo mundo em todas as terras “descobertas” e invadidas, demarcando as vantagens de um grupo – branco – sobre o outro. No Brasil, a política de branqueamento se deu através da miscigenação e tinham a esperança de extinguir os negros durante esse processo, tendo assim um país totalmente branco. Skidmore (1991) afirma que

A ideologia assimilacionista, chamada comumente de branqueamento pela elite após 1890 (Skidmore, 1974), consolidou-se no começo do século XX, e continua a ser a ideologia racial predominante no país hoje. Com efeito, a elite argumentava que o Brasil, ao contrário dos Estados Unidos com os quais frequentemente (e desfavoravelmente) se comparava, não tinha problemas raciais: nenhum fenômeno americano de ódio racial (produto lógico da doutrina de supremacia branca), segregação racial nem, o que é mais importante, discriminação racial. Em uma palavra, o Brasil tinha escapado do racismo. Estava a caminho de produzir uma raça única através do processo benigno de miscigenação. (SKIDMORE, 1991, p. 7.)

Com essa política trazendo imigrantes italianos e portugueses com benefícios custeados pelo governo, como a vinda para o Brasil e trabalhos que antes eram feitos pelos negros escravizados, porém assalariados para que ajudassem na miscigenação, os negros foram sendo invisibilizados no país. Se submetiam a trabalhos por troca de comida e moradia, muitos foram marginalizados por não ter uma política de inserção na sociedade. Os negros têm um histórico de inferioridade desde que foram trazidos para serem escravizados no Brasil. A abolição da escravatura foi dada de forma incompleta e os negros foram jogados e escanteados nas periferias à da sociedade. Sendo

assim, eles têm motivos suficientes para desejarem se livrar das amarras em que a sociedade os coloca e, muitos deles, optam pelo caminho de negar sua negritude, ou até mesmo de negar o racismo, culpando apenas a si mesmo pela falta de conquistas e de estabilidade em suas vidas. Assim surge a negritude desejável e a negritude indesejável. Lourenço Cardoso (2014) afirma que:

Quanto à dualidade da negritude desejável e indesejável, pode-se dizer que a primeira “supostamente” considera que possui “consciência negra”, já que se opõe ao racismo, enquanto a segunda se omite da questão, quase sempre. Portanto, não procura se aprofundar sobre as vicissitudes do impacto da ideia de raça em sua vida e na sociedade. Por causa de muitas razões, entre elas, o mito da democracia racial e o ideal do branqueamento que invisibilizam e/ou minimizam a tensão racial, com base na afirmação da inexistência de racismo e de um país branco no futuro (Munanga, 2004, p. 132). Essa é uma das razões para o conflito entre a negritude desejável e a indesejável. (CARDOSO, 2014, p.96.)

Trabalhar com as questões raciais em sala de aula relaciona-se a possibilidade de libertação sobre as condições que são impostas diariamente sobre nós negros, a libertação da negritude indesejável, positivando a imagem de si mesmo enquanto negro, empoderando negras e negros, sobre o corpo e traços negros, o poder da fala e do protagonismo.

Nilma Lino Gomes questiona:

Como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, descolada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país? E como podemos pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais? (GOMES, 2005, p.147)

Descolar as relações raciais dentro da escola é negar aos estudantes a História completa do Brasil e do mundo, é negar conhecimento e pertencimento. Assim, os negros ainda são considerados inferiores que os ditos brancos e a história e cultura negra ainda é marginalizada, ou demonizada no caso das religiões. Nas relações sociais estamos em constante contato com as relações raciais, considerando que há negros nos espaços sociais brasileiros, assim como

indígenas, judeus, muçulmanos, etc. Porém, as relações de poder fazem com que o negro continue sendo excluído e silenciado na sociedade.

Incluir as relações etnicorraciais na sala de aula com um trabalho interdisciplinar resulta em uma relação racial e social ao promover com que os alunos negros se sintam representados na escola e com que os alunos não-negros entendam a importância do estudo da EREER e valorizem a cultura africana, assim como respeitem os negros, se desvincilhando do preconceito que nas crianças vem de questões culturais.

Uma das principais ações para o Ensino Fundamental segundo o Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana é:

e) Abordar a temática etnicorracial como conteúdo multidisciplinar e interdisciplinar durante o ano letivo, buscando construir projetos pedagógicos que valorizem os saberes comunitários e a oralidade, como instrumentos construtores de processos de aprendizagem.

Essa ação se fez presente no projeto dirigido por mim durante o estágio curricular e as aprendizagens dos estudantes que participaram desse projeto foram de suma importância para uma educação antirracista em sua formação como cidadãos. Os próximos capítulos demonstram como essa ação se fez na prática e quais foram os resultados da mesma.

3. Metodologia de Pesquisa

Defendo nesta pesquisa, a importância do trabalho com a educação das relações etnicorraciais para a Educação Básica assim como o direito ao ensino da temática racial para a valorização do negro na sociedade brasileira e sua contribuição para a construção dessa sociedade, procurando refletir sobre as propostas pedagógicas que possibilitam esse movimento para uma educação antirracista.

Partindo destas considerações, a problematização desta pesquisa é: “Como foram os percursos da educação das relações etnicorraciais durante a prática docente num terceiro ano do Ensino Fundamental?”

Os objetivos específicos são:

- Observar e refletir criticamente sobre o processo de integração social de alunos negros na sala de aula;
- Analisar a percepção de alunos negros e não-negros sobre as relações etnicorraciais;
- Refletir sobre a desconstrução do mito da democracia racial e os processos de aprendizagem e sensibilização sobre a educação das relações etnicorraciais para o grupo de estudantes.

Portanto, este trabalho resulta de uma pesquisa de abordagem qualitativa e documental. A pesquisa qualitativa vai muito além da observação, ocorre na realidade. Uma coleta de dados analisados e fundamentados teoricamente para elucidar o problema pesquisado (ARRUDA, 2013).

Marli André afirma que a pesquisa é

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. (ANDRÉ, 1995, p. 17)

Nesse sentido, selecionei alguns documentos produzidos durante o estágio. Analiso o Diário de Classe que contém: planejamento semanal, planos diários, reflexões semanais, as atividades desenvolvidas, fotos e um parecer

descritivo de cada educando. Escolhi quatro atividades desenvolvidas, para a realização desta pesquisa, além do parecer descritivo individual, no entendimento da sua potencialidade para ambos os sujeitos (educandos e educadoras). Será feita uma descrição de cada atividade, de como foram construídas, das intervenções realizadas por mim durante a realização das atividades, das reflexões e dos debates feitos, além da apresentação dos novos saberes adquiridos.

Os documentos produzidos por mim não tinham o objetivo inicial de serem fontes documentais, houve um trabalho de campo em que passei quatro meses realizando um projeto com os estudantes, por isso, sou ao mesmo tempo produtora das fontes e agente de suas análises.

Nesta perspectiva, a pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo. (SILVA; DAMACENO; MARTINS; SOBRA e FARIAS, 2009, p. 4557)

Tendo em vista que, os documentos analisados foram previamente planejados⁶ por mim e produzidos pelos estudantes que foram ativos participantes do estágio, nas análises tento ser fiel aos objetivos previamente previstos no planejamento dos documentos e na proporção que os mesmos tomaram após serem produzidos pelos estudantes. Não desconsidero, porém, que esses documentos se produziram na minha relação com os estudantes e com minhas inquietações sobre o tema da educação etnicorracial.

Sobre a pesquisa documental SILVA, ALMEIDA e GUINDANI (2009, p.4), ressaltam que;

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e

⁶ Os planejamentos de tais documentos se encontram nos anexos.

posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos: Para pesquisar precisamos de métodos e técnicas que nos levem criteriosamente a resolver problemas.

Os documentos que serão analisados nesta pesquisa são:

- **Produção de conto sobre o baobá:** conto produzido individualmente por cada aluno após algumas aulas sobre a árvore baobá;
- **Ilustração do conto sobre o baobá:** ilustração produzida individualmente por cada aluno após a escrita do conto;
- **Relato sobre visita aos Territórios Negros:** texto escrito individualmente por cada aluno após a visita aos Territórios Negros de Porto Alegre realizada em conjunto com outra turma da escola;
- **A criação de orixá como super-herói:** desenho e descrição individual sobre um orixá na perspectiva de super-herói após aula sobre os orixás e sobre *Os Contos dos Orixás* de Hugo Canuto;
- **Descrição a partir de fotos:** atividade realizada individualmente para descrever a si e descrever uma atividade que foi realizada durante o estágio, cada aluno recebeu uma foto de si mesmo e de uma das atividades realizadas ao longo do estágio para realizarem a descrição;
- **Relato sobre a professora estagiária:** texto individual sobre o que acharam das aulas da professora estagiária;
- **Parecer de aprendizagem e desenvolvimento:** parecer individual escrito por mim para analisar como se deu o processo de aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno no decorrer do estágio.

3.1. A sala de aula como ambiente de produção das fontes de pesquisa

A sala de aula em que a turma estava inserida é uma sala ampla, bem arejada e iluminada, com janelas grandes que ocupam uma parede inteira, as mesas e cadeiras são posicionadas em forma de “U” viradas para o quadro, de modo que se torna mais fácil de interagir com toda a turma, tanto a professora

quanto os alunos. Essa disposição da sala tem uma ideia de circularidade pois, na roda resgatamos um dos maiores princípios africanos, a oralidade, assim como o compartilhamento de saberes. Segundo Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Azoilda Loretto da Trindade (Orgs.)

Para a cultura negra (no singular e no plural), o círculo, a roda, a circularidade é fundamento, a exemplo das rodas de capoeira, de samba e de outras manifestações culturais afro-brasileiras. Em roda, pressupõe-se que os saberes circulam, que a hierarquia transita e que a visibilidade não se cristaliza. O fluxo, o movimento é invocado e assim saberes compartilhados podem constituir novos sentidos e significados, e pertencem a todos e todas. (BRASIL, 2006, p.62)

Retomando a estrutura da sala, há um quadro branco, um projetor e tela branca para projeção, um armário com todos os materiais de aporte pedagógico necessários ao lado do quadro, ao fundo da sala há estantes com livros didáticos, gibis e picolés, folhas para rascunho e um mapa-múndi. Na parede lateral em oposição às janelas há um calendário, um mural com os aniversários dos alunos, com regras de convivências e com o suporte para destacar atividades ou questões importantes sobre as aulas. Há um tapete para cada aluno para os momentos de roda no chão. Na mesa da professora há um computador.

A sala de aula é o ponto de encontro dos alunos da turma, eles sempre entravam na sala antes do sinal tocar e sempre se sentiram à vontade para socializar nesse ambiente, contando suas novidades e fazendo brincadeiras e ao toque do sinal, se organizavam para receber a professora. Eu sempre entrava na sala de aula com um bom dia caloroso e tínhamos um momento de conversa descontraída antes de iniciarmos a aula, a fim de ajudar a conduzir de forma prazerosa o início da aula. Todos os dias, as crianças se sentavam em lugares diferentes, socializando com todos da turma e, na maioria das vezes, priorizando suas maiores afinidades. Quando percebiam que as parcerias do dia renderam muitas conversas e dispersões da aula, no dia seguinte procuravam trocar de lugar.

A dialogicidade se fazia presente como essência da educação e prática da liberdade (FREIRE, 1970) na sala de aula, possibilitando o pensamento crítico dos educandos sobre os assuntos tratados em sala.

Segundo Freire (1970),

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (FREIRE, 1970, p.87.)

Cabe enfatizar que a prática pedagógica é, permanentemente, objeto de estudos no campo da educação, educadores e demais envolvidos na área da educação procuram descobrir estratégias para oferecer ao educando uma aprendizagem significativa a fim de evitar o fracasso educacional que segundo Freire (1996) se deve a técnicas de ensino ultrapassadas, sem associação com o contexto social e econômico do educando.

4. Um olhar sobre minha docência

Educadores estão em constante processo de aprendizagem e transformação, assim como os educandos, estamos sempre em processo de desenvolvimento e descobertas pois somos educadores-educandos.

Em nossas escolhas de conteúdos, projetos, propostas pedagógicas, planejamentos, iremos sempre priorizar o que acreditamos e aquilo que acreditamos se constitui a todo o momento de nossas vidas, seja por situações vivenciadas durante nossa trajetória como educandos, seja por encontros com pessoas e autores que nos inspiram, ou pelo olhar observador aos educandos que temos em sala de aula e suas demandas cognitivas, comportamentais e sociais. Tendo em vista que a sala de aula é um ambiente formador, cabe ao professor questionar-se quais sujeitos deseja formar.

Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva ressaltam que:

A sociedade brasileira é pluriétnica e pluricultural. Alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino, são, antes de mais nada, sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com histórias de vida, representações, experiências, identidades, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educacionais por onde transitam com suas particularidades e semelhanças, compondo o contexto da diversidade. Por isso ao planejar, desencadear e avaliar processos educativos e formadores, não podemos considerar a diferença como um estigma. Ela é, sim, mais um constituinte do nosso processo de humanização. Por meio dela, nós nos tornamos partícipes do complexo processo da formação humana (GOMES; SILVA, 2002, p. 22).

O educador deve olhar para seus educandos e perceber os sujeitos, perceber sua construção e sua demanda social. Sendo assim, temos que pensar a educação como uma educação com conscientização social. As autoras afirmam que:

[...] O campo da educação deve ser compreendido de forma articulada com as lutas sociais, políticas e culturais que se

desenrolam na sociedade. O direito à educação escolar sempre foi uma bandeira de luta daqueles que empenham esforços pela justiça e pela igualdade social (GOMES; SILVA. 2002, p.22).

É muito importante que os alunos compreendam as lutas e os processos que garantiram seus acessos à escola assim como, conheçam e compreendam as histórias de mais de um povo.

A realização do estágio curricular obrigatório foi um processo de luta e de transformação da minha docência. A turma em que realizei o estágio é composta por vinte alunos, sendo onze meninas e nove meninos com idade entre oito e nove anos. Por ser uma escola federal e estar localizada no bairro da Agronomia, alunos de diversos bairros e municípios de Porto Alegre frequentam a escola. Na turma do estágio, há crianças de Viamão, Partenon, Petrópolis e Bom Fim. A metade da turma se encontra em uma situação econômica baixa enquanto a outra metade se encontra na situação de classe média. Todos os educandos da turma chegam até a escola de transporte escolar, levam lanche e participam das saídas de campo que necessitam de pagamento para a mesma.

São crianças muito receptivas e sensíveis, adoram estar em sala de aula e se sentem atraídos por todas as propostas pedagógicas. Sendo assim, minha prática docente não poderia ter sido mais satisfatória. Trabalhar com as relações etnicorraciais também foi um ponto muito importante para que minha prática docente fosse exercida de forma poética, pois, me reencontrei como mulher negra e professora. Foi mesmo muito gratificante, emocionante, representativo e um momento de me reconectar com as minhas raízes e meus princípios. O estágio foi um momento de muita aprendizagem para mim e para cada criança que compõe a Alfa 3.

Tenho muito orgulho do trabalho que foi feito em conjunto com parcerias tão importantes. Pessoas a quem eu terei minha eterna admiração e gratidão, são elas, Tamires dos Santos Lemos, pedagoga, na época estudante de pedagogia e monitora da Alfa 3, que me apoiou nos piores momentos enfrentados durante o estágio e me fortaleceu na nossa luta como mulheres negras em sala de aula defendendo nossa cultura. Evânia dos Prazeres, mulher negra, estudante de engenharia e monitora da Alfa 3, que me inspirou em todos os momentos pelo fato de ser angolana, de ter uma sensibilidade enorme com

as crianças e contribuir com seu conhecimento sobre o continente africano. E por último, mas não menos importante, Tanise Muller Ramos, professora titular da turma e grande incentivadora do trabalho com as relações etnicorraciais na escola, só tenho a agradecer por ter me convidado a fazer o estágio em sua turma e pelo espaço para que eu pudesse aprender com ela e ensinar aos seus alunos, podendo me reencontrar em minhas origens e pensar em uma linha de pesquisa tão rica e representativa que desejo seguir para a vida profissional e pessoal.

4.1. Um olhar sobre a escola

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A escolha por tal instituição vem do encontro em que tive com a mesma em setembro de 2017 para a realização da prática docente do quinto semestre da Pedagogia do antigo currículo para a disciplina intitulada *Seminário de docência: organização curricular: fundamentos e possibilidades – 4 a 7 anos*. Nesse encontro tive a oportunidade de realizar a prática docente (uma semana de observação e uma semana de prática) com uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental. Fui convidada a retornar para a instituição nas próximas práticas docentes e assim se deu o meu segundo encontro para a realização da prática do sexto semestre da Pedagogia do antigo currículo para a disciplina intitulada *Seminário de docência: saberes e constituição da docência – 6 a 10 anos ou EJA*, tive a honra de realizar a prática com o segundo ano do Ensino Fundamental, mesmo grupo de alunos em que realizei a primeira prática. Considero meu segundo encontro com a instituição como um reencontro ao realizar a prática com o mesmo grupo de estudantes. Já nos moldes do novo currículo da Pedagogia, o estágio de docência é intitulado *Estágio de Docência II: Anos Iniciais* e retornei ao colégio para realizar o estágio. Infelizmente não pude seguir com o mesmo grupo de alunos pois, a professora da turma era substituta, sendo assim, realizei o estágio com a turma do terceiro ano. Reencontrar-me com essa instituição é sempre um prazer e um privilégio.

Contarei um breve histórico⁷ do CAp⁸ para contextualizar esse local de encontros e reencontros de minhas práticas pedagógicas, que me moldaram como educadora e me trouxeram até a EREER na prática docente.

Conforme o regimento do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CAp/UFRGS, com sede na cidade de Porto Alegre/RS, criado pela Portaria nº 39 de 19 de janeiro de 1954 do Conselho Universitário, em obediência ao Decreto-lei nº 9053 de 12 de março de 1946, é a Unidade de Ensino Fundamental e Médio, vinculado à Reitoria, nos termos do Artigo 64 do Estatuto e do Artigo 102 do Regimento Geral da Universidade. (Regimento, s/p, 2005)

Com as finalidades de servir a prática docente de estagiários dos cursos de licenciatura da UFRGS, e de construir campo de investigação pedagógica para a Faculdade de Filosofia, o CAp foi fundado por um grupo de professores, tendo a professora Graciema Pacheco como centro desse movimento. Inicialmente, o CAp ocupou quatro salas do prédio central da Faculdade de Filosofia. De 1956 a 1959, transferiu-se para um pavilhão, também da faculdade, construção mista, adaptada para esse fim. No início do ano letivo de 1960, foi instalado em dois pavilhões de madeira, construídos através de acordo entre a Universidade e a Prefeitura Municipal. A partir de 1971, o CAp passou a ocupar o prédio da Faculdade de Educação (FACED), e pela lei 62997, de 16/07/1968 determinava que o Colégio passava a pertencer à FACED, devendo formar o Centro de Educação Primária e Média. Após fazer parte da FACED, o CAp conquistou território próprio no Campus do Vale, onde está inserido até hoje, em uma estrutura excelente.

Vale ressaltar que, o Plano Político Pedagógico da instituição se apresenta em construção quando solicitado e o Regimento, que foi reconstruído em 2005 e publicado online, não menciona as turmas de Educação de Jovens e Adultos que também compõem o colégio.

⁷ Informações coletadas no site do Colégio de Aplicação da UFRGS. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/institucional/historia/>> Acessado em março de 2019.

⁸ CAp: Abreviação para Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Desde a fundação do CAP até 1980, o processo de ingresso dos estudantes se dava através de provas complexas para avaliar o nível de inteligência das crianças que estavam prestes a estudar no colégio sendo realizados processos de seleção a partir do rendimento destas provas.

Sobre tais processos de seleção Valeska Alessandra de Lima (2016), baseada em Pardal (2014) e Mimo-de-Vênus (2012), afirma que:

Para a senhora Pardal (2014), “havia uma mística de que os alunos do Aplicação eram gênios [...]. Estamos falando não de uma elite econômica, mas muito mais de uma elite intelectual”. Mimo-de-Vênus (2012) corrobora com essa ideia e ressalta que o público alvo nos anos da seleção, “era a elite, da elite, da elite [...] porque estudar no CAP era o pedigree”, ou seja, os alunos eram pertencentes a famílias intelectualmente mais favorecidas. (LIMA, 2016, s/p.)

Ou seja, a escola pública e federal era mantida para a elite do Estado. O CAP foi uma das últimas escolas a retirar o processo de seleção para ingresso. Foi entre 1981 e 1983 que o ingresso se tornou mais democrático e a seleção passou a ser por sorteio após “[...]uma ‘limiar de cidadão da comunidade’ contra a reserva de vagas para os filhos de professores e filhos de ‘famílias ligadas a Universidade ou de reconhecida importância social’[...]” (LEITE, 2014 , p.40)

Hoje em dia, no que diz respeito à oferta de vagas do CAP, existe uma turma por nível composta por vinte alunos cada. A seleção se dá através de inscrição presencial com o pagamento de taxa de vinte reais e o sorteio é público e realizado no saguão da escola.

5. Propostas pedagógicas

Serão analisadas cinco propostas pedagógicas⁹, além do parecer de aprendizagem e desenvolvimento de cada estudante, desenvolvidas com um terceiro ano do Ensino Fundamental, envolvendo temáticas que tinham por objetivo promover discussões sobre o continente africano, suas culturas e identidade étnico-raciais, visibilizando o importante papel que os negros tiveram na construção da nossa sociedade e ainda estabelecendo uma relação de respeito às diferenças e à diversidade social com estes estudantes. Realizado no estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, constam no diário de classe, que foi construído ao longo das práticas.

Nestas análises, busco refletir sobre os efeitos que estas propostas pedagógicas geraram nos sujeitos envolvidos. Busco contribuir para o campo da educação e da luta pela efetividade da Lei nº 10.639/2003. As atividades que inspiraram estas análises foram: Produção de conto sobre o baobá; Ilustração do conto sobre o baobá; Relato sobre visita aos Territórios Negros; A criação de orixá como super-herói; Descrição a partir de fotos; Relato sobre a professora estagiária; Parecer de aprendizagem e desenvolvimento.

5.1. Produção de conto sobre o baobá

A primeira atividade aqui analisada visou culminar a Sequência Didática(SD)¹⁰ realizada sobre o baobá e suas riquezas, intitulada *Contos do Baobá: a árvore sagrada*. Segundo o documento do PNAIC, a Sequência Didática:

[...] consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a sequência didática permite o estudo nas várias áreas de conhecimento do ensino, de forma interdisciplinar. (DUBEUX; SOUZA, 2012, p.27)

⁹ Tais propostas se encontram nos anexos, organizadas em uma tabela por aluno em que descrevo cada atividade desenvolvida pelo mesmo.

¹⁰ O planejamento da Sequência Didática se encontra em anexos.

Iniciamos a SD com o livro *Obax* de André Neves. *Obax* é a história de uma menina africana que, sozinha, vivia suas aventuras usufruindo de toda a sua imaginação. É desacreditada por todos de sua vizinhança ao ver uma chuva de flores e compartilhar pela oralidade sua experiência. Então, começa uma viagem a procura da chuva de flores para provar o que dizia e essa viagem ela faz acompanhada de um elefante mágico. Ao voltar para a sua vizinhança, conta tudo o que viu em sua viagem e todos desacreditam, então resolve mostrar o elefante para que acreditassem nela e o mesmo havia se transformado em pedra. Ela enterrou a pedra e no dia seguinte nasceu um lindo baobá que fez uma chuva de flores na vizinhança.

A história *Obax* é rica por trazer uma menina negra como personagem principal e todos os outros personagens também, trazendo uma poesia para uma árvore tão importante em vários países africanos. Sobre a importância do protagonismo negro na literatura, Figueiredo, Cunha e Tavares (2017) tem o objetivo de:

Incentivar os processos de formação afirmativa das identidades negras, nas esferas individual e coletiva, utilizando histórias cujos protagonistas são afro-brasileiros que, nas crianças negras, reforçam a autoestima e reconhecem uma memória de grupo étnico a qual possa ser usada pela identidade de resistência, e nas crianças não negras, propõe novas perspectivas para uma educação sem estereótipos. Especificamente: estimular, nas crianças negras, o sentimento de pertença positiva ao seu grupo étnico-racial a partir da sensibilidade provocada pelo estímulo da imaginação, possibilitado pela literatura [...] (FIGUEIREDO, CUNHA E TAVARES, 2017, p. 215.)

Após a leitura do conto, levei para a sala de aula uma árvore réplica do baobá feita com macarrão de piscina e com flores de papel colorido penduradas. A proposta era que cada estudante retirasse uma flor do baobá e lesse o que estava escrito em sua flor, trechos da história *Obax*, para ler em voz alta e comentar sobre a história. Após, cada educando escreveu o seu desejo para o semestre na flor e colocaram as flores novamente no baobá.

Durante a SD, trabalhamos com o conto *A árvore de cabeça para baixo* (um conto da Costa do Marfim) do livro *A semente que veio da África*. O conto conta a história da aparência do baobá, ao ser a primeira criação do criador na Terra estava sempre perseguindo o mesmo para reclamar de sua aparência e pedir melhorias. Reclamou tanto que o criador o castigou desenterrando-o e o enterrando novamente de cabeça para baixo, dando um versão divertida para o visual da árvore baobá que tem sua copa muito semelhante às raízes das árvores. Conhecemos a estrutura composicional do gênero conto ao trabalharmos com *A árvore de cabeça para baixo*.

Após o trabalho com os contos, assistimos ao vídeo *Um pé de quê? Baobá* onde Regina Casé explica algumas informações científicas sobre o baobá e viaja para Moçambique para conhecer mais dessa árvore e dos contos populares sobre a mesma. Preparei uma apresentação de *slides* com informações gerais sobre o baobá e após realizamos o quiz do baobá que foi um sucesso na turma.

Para culminar a SD, cada estudante realizou a produção de um conto sobre o baobá. Para essa produção, criei dois dados, um com as regiões do continente africano para escolherem se o conto se passará em um país da África do Norte, África do Sul, África Oriental, África Ocidental ou África Central. Consultaram um mapa para escolher o país. O outro dado continha algumas características do baobá para que os estudantes citassem as mesmas em seus contos.

Os educandos escreveram contos incríveis que demonstram suas aprendizagens referentes ao baobá e os contos resultaram em um livro intitulado *Os contos do baobá da Alfa 3*. Seus contos, de forma criativa, explicam algumas características do baobá como um castigo por algo que a árvore fez, tais como, mentir para o seu pai, incomodar o criador para mudar sua aparência, destratar as outras flores por se achar a flor mais bonita de todas, etc. Em seus contos, demonstram um senso de crítica, justiça e do ponto negativo da beleza (beleza utilizada para rebaixar os demais).

5.2. Ilustração do conto sobre o baobá

Esta atividade ocorreu após a produção do conto sobre o baobá e, para embasar o desenho produzido pelos estudantes, coloquei imagens no projetor com algumas inspirações africanas para que, seus desenhos não destoassem do que se passa em seus contos, já que estão acostumados a retratar apenas coisas ligadas ao euro centrismo que ainda domina nossa sociedade e as salas de aula.

Essas inspirações africanas trazem o conceito de africanidades. As africanidades conduzem a uma pedagogia antirracista e, segundo Petronilha, os princípios desse conceito são: respeito, reconstrução do discurso pedagógico e estudo da recriação das diferentes raízes da cultura brasileira. (SILVA, 2003, p. 28). Através da produção do conto e da criação da ilustração do mesmo com referências em imagens que demonstram as africanidades, pudemos dialogar entre esses princípios e, além disso, proporcionar a oportunidade de rever a história brasileira pois, segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

A História do Brasil, enquanto construção de uma nação, inclui todos os povos que a constituem. Assim, ignorar a história dos povos indígenas, do povo negro é estudar de forma incompleta a história brasileira. (SILVA, 2003, p. 29)

Em suas ilustrações, a maioria retrata o êxtase do conto e em todas as ilustrações em que aparecem humanos, os mesmos são retratados como negros. Os estudantes sentiram-se satisfeitos em realizar a ilustração de seus contos e o livro pronto foi muito bem recebido por todos. Foram processos individuais que levaram a um material coletivo, uma produção que reunia suas produções em uma só.

5.3. Relato sobre a visita aos Territórios Negros

Antes de iniciar a análise sobre tal proposta, vale a pena contextualizar o que são territórios negros. Segundo Daniele Machado Vieira (2018),

“A chave para a concepção de território negro provém dessa articulação entre espaço físico e simbólico, cuja construção de significados estejam relacionados à efetiva presença de mulheres e homens negros e suas práticas culturais, ou seja, suas territorialidades.

Assim, nossos territórios negros são espaços físicos e

simbólicos. São espaços físicos – de moradia, trabalho, lazer ou religiosidade – que se caracterizam pela grande concentração de pessoas negras. E são espaços simbólicos, repletos de sentidos e significados relacionados às práticas ali existentes, que remetem a uma ancestralidade negra, a uma memória negra, a um modo de ser e estar negro.” (VIEIRA, 2018, s/p.)

Esta proposta ocorreu um dia após a visita aos Territórios Negros de Porto Alegre. Tal visita foi realizada com o terceiro e o quarto ano do Colégio de Aplicação – UFRGS (CAp), nossa organização com professores, monitores e professoras estagiárias durante a visita, possibilitou andarmos pelo percurso cada responsável com quatro estudantes. Contamos com a professora Lara de Geografia do CAp como guia do percurso. Os pontos por onde passamos durante o percurso foram os seguintes:

1. Mercado Público de Porto Alegre:

- Bará do Mercado
- Painel Afrobrasileiro

2. Praça da Alfândega:

- Pegada Africana

3. Igreja das Dores:

- Pelourinho

4. Praça Brigadeiro Sampaio:

- Largo do Tambor

Durante a visita, os educandos se sentiram encantados com tudo o que viam e ouviam atentamente as explicações da professora Lara. Todos os pontos do percurso foram descobertas significativas para os estudantes pois, a maioria já havia passado pelos pontos e não sabiam o tanto de história e representatividade africana havia naqueles locais.

No dia seguinte, quando retomamos o assunto sobre a visita aos Territórios Negros de Porto Alegre, os educandos do terceiro ano estavam radiantes e falantes, prontos para abordar tudo o que aprenderam sobre o centro

histórico de Porto Alegre. Após conversarmos sobre os pontos do percurso e suas impressões, solicitei que cada estudante escrevesse um relato sobre os pontos do percurso dos Territórios Negros.

Dos dezenove educandos que realizaram a escrita sobre a visita, sete citaram os africanos como construtores da cidade de Porto Alegre, ressaltando a importância dos mesmos por terem construído a cidade e deixado marcas africanas em Porto Alegre, também ressaltaram o sofrimento que os negros passaram ao deixarem suas marcas na cidade, afinal, eram escravizados.

Também se impressionaram com a história do Bará do Mercado:

O mosaico de pedras amarelas e vermelhas encimado por sete chaves (número mítico que simboliza o orixá) e igual número de correntes metálicas que marcam um círculo “excêntrico” (sem um centro definido) implantado na zona central, no cruzamento de quatro entradas do Mercado, marca a presença de uma tradição e de um culto centenário que por gerações vem cimentando a força das religiões afro-brasileiras na cidade. (VARGAS, 2015, p. 16.)

É o símbolo de energia vital e segurança ao Mercado, os educandos destacaram que jogaram moedas ao fazerem pedidos ao Bará. Um aluno relata que já conhecia o Bará do Mercado pois, faz parte da sua religião e se sentiu muito feliz em compartilhar esse aprendizado com seus colegas na visita aos Territórios Negros.

Outro ponto do percurso que foi muito mencionado e impactou os estudantes em seus relatos tanto na conversa antes da escrita, quanto na escrita em si, foi a maldição da Igreja das Dores (antigo Pelourinho) que foi amaldiçoada por castigarem um negro escravizado inocente que foi culpado de roubo no local, o mesmo foi chicoteado no espaço do Pelourinho da Igreja das Dores que era um espaço público para castigos físicos. Em suas escritas sobre a maldição, os estudantes se detêm a citar que a igreja foi amaldiçoada e por isso sua obra é inacabada, porém no momento da visita a Igreja mostram-se indignados com a falsa acusação contra o negro escravizado que fora castigado, mostrando um senso de justiça pela situação. No processo de decolonialidade do currículo, os estranhamentos para práticas passadas está presente e se faz necessário para

que se possam repensar as tais. Segundo Carmem Zeli de Vargas Gil e Carla Beatriz Meinerz (2017)

Pensar historicamente pode implicar certos estranhamentos sobre o passado e um olhar crítico sobre os usos do mesmo no presente. Esse estranhamento nos leva ao passo seguinte, que é o reconhecimento de que nossos saberes e currículos são igualmente colonizados e, que, portanto, uma decolonização é necessária no âmbito de quem atua numa perspectiva que busca o protagonismo latino-americano. (GIL, MEINERZ, 2017, p.20-21)

5.4. A criação de orixá como super-herói

Esta atividade teve o intuito de proporcionar um conhecimento positivado sobre a cultura africana ao reconhecer os orixás como divindades protetoras da natureza e da humanidade, reconhecer o significado e a representatividade de cada orixá e reconhecer a ligação dos orixás com a árvore baobá.

Nelson Fernando Inocêncio da Silva afirma que

[...] queremos afirmar que é possível tratar do assunto dentro de um processo cognitivo que não ponha em risco o caráter laico da escola pública. Isso significa dizer que defendemos a ideia de um programa educacional que ao tratar de cultura negra, em uma perspectiva absolutamente informativa e não doutrinária, contemple as mitologias e filosofias religiosas oriundas dos vários grupos étnicos africanos que compõem a sociedade brasileira, mesmo porque não existe cultura negra sem dimensão espiritual.[...] (SILVA, 2005, p.124.)

Iniciamos a atividade recebendo um convidado para contar as histórias dos orixás, o convidado Wellington é estudante de Licenciatura em Letras pela UFRGS, monitor no CAp, um religioso de matriz africana e sábio nos contos sobre os orixás. Iniciamos conversando sobre a ligação dos orixás com a árvore baobá. O baobá é considerado morada dos orixás, a passagem deles do plano espiritual para o material é o tronco do baobá. Os baobás são símbolos de resistência dos povos negros e oprimidos. O baobá não sucumbe facilmente às adversidades climáticas. Assim como ocorre com os cultos africanos, dos quais derivaram a Umbanda e o Candomblé. Mesmo intolerados, perseguidos e alvos de violência e crueldade, os adeptos seguem firmes na sua fé, de forma

semelhante à resistência do baobá em terras áridas.

Ou seja, são divindades que resistiram com os povos africanos durante o tempo da escravidão e que são muito importantes até hoje, não só para esses povos, mas para os descendentes de africanos que ainda cultuam esses orixás. Eles têm ligação com a natureza, pois são grandes protetores da mesma, assim como da humanidade.

Após, fomos para o pátio para nos conectarmos com a natureza ao ouvirmos os contos que Wellington iria contar. A cada conto, Wellington introduzia um elemento da natureza que representava o orixá e nossa missão era nos conectarmos com o elemento. Terminado o momento de conexão com a natureza, voltamos para a sala e apresentei uma série de *slides* contendo o nome de cada orixá, aquilo que cada um representa e protege na natureza e sua imagem para concretizar o que havíamos conversado no pátio. Esse momento foi muito gratificante pois, antes dessa aula, apenas o menino P.F., menino negro, falava abertamente sobre sua religião de matriz africana, após a conversa sobre os orixás e os *slides* com imagens, o menino G. e a menina D.F., ambos negros, se sentiram à vontade para compartilhar com os demais que são praticantes da religião de matriz africana também e a menina C.C., branca, se sentiu à vontade para falar que um familiar é praticante da mesma religião. Era nítido a realização nos rostos de ambos em ver sua cultura sendo tratada como conteúdo em sala de aula, podendo contribuir com seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

Após a apresentação de *slides* e a conversa tão satisfatória sobre os orixás e os elementos da natureza, realizamos o *quiz* dos orixás. Foi uma atividade muito satisfatória visto que, os estudantes pediam a todo o momento por mais dessa proposta após o *quiz* do baobá.

5.5. Descrição a partir de fotos

A proposta desta atividade era a de produzir o produto final do projeto *O baobá, a África e suas riquezas*, para isso, em um dos últimos dias de aula, os educandos receberam uma folha estruturada com dois espaços para colar duas fotos e abaixo de cada espaço, uma estrutura de linhas para escrever sobre essa foto.

A primeira foto que ganharam, e que será aqui analisada, foi a foto de seu

rosto que fora feita no dia em que realizamos uma oficina de turbantes. Para essa foto, o objetivo era o de se descrever. Na descrição, a maioria dos estudantes descreveram sua personalidade, o que mais gostam de fazer em casa ou na escola, porém, alguns relatos chamaram mais a atenção e vale a pena analisá-los.

O aluno C.J., 9 anos, relata que *“sou um menino branco mas não tenho preconceito com as pessoas negras.”*, vale ressaltar que esse menino sempre se mostrou o mais sensibilizado aos estudos desde o início e sempre tem uma crítica a fazer sobre o que está sendo apontado em sala de aula, o mesmo já disse que *“Se um dia eu for procurar um emprego e só tiver uma vaga e um negro estiver concorrendo aquela vaga também, na entrevista eles vão me contratar e não o negro só porque eu sou branco e ele é negro. Isso é injusto.”*.

Percebe-se a desconstrução do mito da democracia racial, não só nesse relato, mas em outras falas dos educandos ao perceberem o quanto os negros sofreram no processo de escravização e o quanto a equidade se faz inexistente na nossa sociedade.

O aluno L.M., 9 anos, é um menino branco e que se esquivou de algumas propostas por conta de sua religião cristã, o mesmo descreve sua pele como *“Cor da pele: café marrom.”*. Vemos, hoje em dia, pessoas brancas se passando por negros e pardos para ingressarem na universidade pública através dos sistemas de cotas, porém esse movimento de um menino branco relatar que a cor da sua pele é “café marrom” se dá pelo fato de que tivemos uma oficina intitulada “Qual a cor da minha pele?” e apresentamos o conjunto de giz de cera profissional Print Kor Tons de Pele com 24 cores. A partir dessa proposta, o grupo percebeu que cada pele tem um tom e que o famoso lápis salmão intitulado erroneamente de “cor de pele” não representa suas peles na hora de colorir um autorretrato e essa percepção se faz presente no movimento feito por L.M. ao se descrever buscando compreender qual seu tom de pele.

O aluno P.F., 9 anos, relata que *“Eu sou muito forte e bonito e muito bom no futebol.”*. P.F. é um menino negro que mora com a mãe e a avó. Sabemos da existência de um padrão de beleza que prima pela “brancura” e perceber o quanto sua autoestima foi sendo reformada durante o projeto é muito importante

para seguir acreditando na força que a educação das relações etnicorraciais tem na sala de aula.

A aluna S.C., 9 anos, relata *“Eu sou negra e tenho o cabelo crespo.”*, a mesma sempre se mostrou uma menina empoderada, ciente da importância do feminismo e da beleza em ser uma menina negra.

A aluna D.F., 9 anos, relata que *“Eu sou uma menina negra e adoro a minha cor.”*. D.F. é uma menina muito falante e alegre. Sempre se comunicou muito bem com toda a turma, porém, ficou nítido o quanto esse projeto mudou sua postura ao se sentir representada nos estudos sobre os orixás e ao começar, nas últimas semanas de aula, a soltar seus cabelos crespos e descobrir sua beleza.

Temos ainda a aluna K.C., menina negra, 9 anos, que não descreveu nada em relação a sua aparência mas, demonstrou o quanto aprendeu durante nossas trocas e o quanto sua postura mudou ao passar de uma menina que mal se posicionava para uma menina que é a primeira a levantar a mão e contribuir com o que aprendeu referente à comunidade afro-brasileira e africana, sempre retomando o quanto nossos estudos são importantes para um futuro sem racismo e para oportunizar novas crianças a aprenderem mais sobre os negros no contexto histórico e social. Uma menina com um lindo cabelo crespo que, no início das aulas estavam sempre presos e, com as nossas experiências, trocas, vivências e aprendizagens, foi tomando outra forma ao soltar seus cabelos e se posicionar como protagonista de sua vida e suas ações.

Vale mencionar a contribuição de Nilma Lino Gomes sobre o cabelo e o corpo como símbolo identitário:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (GOMES, s/p, s/a.)

A beleza negra é uma revolução, é símbolo de resistência e de ressignificado. Assim, vamos recuperando nossa autoestima, nosso orgulho,

nossa alegria de viver, nossas relações sociais e nosso espaço na sociedade. Proporcionar essa revolução para meninas negras na sala de aula é um ato de luta e coragem e perceber o posicionamento e legitimidade dessas meninas em relação à sua beleza negra transforma a ação em sentimento.

5.6. Relato sobre a professora estagiária

Os relatos são praticamente cartas de amor e demonstram o quanto minha passagem pela turma foi significativa e o quanto o trabalho desenvolvido rendeu bons frutos. No mesmo dizem que me amam, elogiam meus cabelos crespos, pedem para que eu não esqueça deles e que faça parte do grupo de professores do quarto ano.

As propostas pedagógicas que mais destacaram foram:

- *Quiz* do baobá, tal proposta consistia em sistematizar o conhecimento adquirido sobre o assunto, cada criança ganhava uma folha branca encapada com papel contact e uma caneta de quadro branco para anotar a alternativa correta sobre as perguntas referentes ao baobá que foram projetadas no quadro branco. Tal atividade foi tão bem recebida pelos alunos que pediam por mais *quiz* e assim realizamos o *quiz* dos orixás;
- Saída de campo aos Territórios Negros de Porto Alegre que foi detalhada na seção 5.3 deste capítulo;
- Visita ao Quilombo dos Alpes;
- Multiplicação com material concreto (feijões e copinhos de café) e a tabela de Pitágoras para conferir o resultado das operações de multiplicação.

Percebe-se uma diversidade de atividades desenvolvidas ao decorrer do estágio, não só as mais mencionadas pelos estudantes em seus relatos, mas as mencionadas por mim nesta pesquisa. A importância dessa diversidade aborda duas questões muito importantes para o planejamento do professor: a interdisciplinaridade e a desvinculação dos estudos estereotipados sobre os negros apenas na semana da Consciência Negra. Sobre tal desvinculação, Coelho e Coelho (2013, P.78) ressaltam que;

A abordagem da temática africana e afro-brasileira por meio de feiras que suspendem o cotidiano escolar e que valorizam atividades lúdicas reitera, da mesma forma, aquela compreensão presente na narrativa do

mito, segundo a qual os povos africanos e indígenas contribuíram com a formação da nação e da nacionalidade com a alegria, o riso, as festas – enquanto que o trabalho, as decisões importantes e o rumo do país permanecem como atributo do branco.

Sobre a interdisciplinaridade, Lenoir (in FAZENDA, 2008, p.57-58) ressalta que a interdisciplinaridade escolar no campo da didática se caracteriza por:

[...] suas dimensões conceituais e antecipativas, e trata da planificação, da organização e da avaliação da intervenção educativa. [...] a interdisciplinaridade didática leva em conta a estruturação curricular para estabelecer preliminarmente seu caráter interdisciplinar, tendo por objetivo a articulação dos conhecimentos a serem ensinados e sua inserção nas situações de aprendizagem.

Sendo assim, percebe-se que as propostas pedagógicas desenvolvidas durante o estágio e aqui analisadas proporcionam a interdisciplinaridade, pois abordamos aspectos relacionados à História Africana e Afro-Brasileira que promoveram a dialogicidade entre as disciplinas.

5.7. Parecer de aprendizagem e desenvolvimento

Um dos requisitos para a conclusão do estágio era a escrita do parecer de aprendizagem e desenvolvimento de cada estudante. Escolhi o parecer para análise pois, é nele que contém a percepção sobre como o projeto desenvolvido tocou cada criança da turma. O parecer foi desenvolvido com quatro parágrafos, o primeiro introduzindo como a criança é em sala de aula, como se relaciona com os colegas e como participa das aulas; o segundo, aponta como a criança se desenvolveu em suas produções textuais e gramática; o terceiro, relata a relação da criança com a matemática e o quarto como a criança participou e reagiu ao projeto e a importância que o mesmo teve para seu desenvolvimento.

Analiso o quarto parágrafo do parecer com muita satisfação em constatar que todos os estudantes da turma adquiriram

“[...] uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito,

principalmente o racismo.” (PARECER DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO, 2018, s/p.)

Os cinco estudantes negros se sentiram representados durante o projeto ao verem a História e cultura dos negros sendo valorizada dentro da sala de aula. É realmente muito gratificante ver o quanto a nossa representatividade e o nosso trabalho inspira meninas e meninos negros a se empoderarem e a descobrirem a sua beleza negra.

Quatro crianças, três negros e uma branca, se sentiram representados ao ver sua religião afro-brasileira ser tratada como conteúdo na sala de aula. As três crianças negras cultuavam a religião enquanto a menina branca tinha um familiar que cultuava e a mesma sempre trazia objetos relacionados à religião. Ambos se mostraram felizes e abertos a se posicionarem sobre a religião afro-brasileira, contribuindo com seus conhecimentos sobre os orixás.

Seis crianças brancas perceberam o privilégio que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas e relataram isso em suas falas, algumas em suas escritas. Kaercher e Dalla Zen (2012) ressaltam o contexto sociocultural do sujeito, afirmando que “os artefatos culturais passam a ter uma centralidade discursiva que vai constituindo sentidos dominantes sobre as identidades raciais e terminam por consolidar os entendimentos do que significa ser negro ou branco.” (2012, p.4). Essa percepção do privilégio demonstra a desconstrução do mito da democracia racial e vai ao encontro à questão principal da tese de doutorado de Lourenço Cardoso (2014): *Por que o branco pensa o Outro e não em si?* Nossas abordagens, propostas e reflexões proporcionaram que essas crianças pensassem em si no que refere ao Outro.

6. Considerações finais

Acredito que concluo este trabalho respondendo aos objetivos iniciais apresentados na metodologia de pesquisa, ao longo das análises documentais das propostas pedagógicas. Ao observar e refletir criticamente sobre o processo de integração social de alunos negros na sala de aula, percebo o quanto isso foi possível graças ao reconhecimento, pertencimento e valorização da beleza negra. Ao analisar a percepção de alunos negros e não-negros sobre as relações etnicorraciais, foi possível perceber o envolvimento com os estudos, a dedicação nas produções e, principalmente a percepção dos alunos sobre a importância do trabalho com a EREER em sala de aula. E, ao refletir sobre a desconstrução do mito da democracia racial e os processos de aprendizagem e sensibilização sobre a educação das relações etnicorraciais para o grupo de estudantes, suas falas sobre o privilégio que pessoas brancas tem em relação aos negros e indígenas na sociedade, assim como a inquietação ao se depararem com injustiças contra os negros escravizados.

Mostra-se nítido nas falas de cada educando o quanto o projeto realizado tocou o coração, a mente e mudou as atitudes de cada um, adquirindo uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Também perceberam os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas e se mostraram muito solidários, amorosos e respeitosos com o outro.

A educação antirracista não é um “extra”. Fazer uma exposição de máscaras africanas e comidas típicas no dia 20 de Novembro não supre as necessidades e urgências que as relações etnicorraciais demandam em sala de aula. A educação antirracista se dá em todas as disciplinas e em todas as modalidades da Educação, por isso não deve ser fragmentada. Sendo assim, a interdisciplinaridade se faz necessária para que a história da cultura africana e afro-brasileira possam ser abordadas de forma efetiva e que contribua para a educação antirracista de fato. Esse trabalho já havia sendo desenvolvido na turma em que realizei o estágio pela professora titular e esse fato possibilitou

que meu trabalho fosse desenvolvido de forma integral e bem recepcionado por todos os estudantes da turma.

É difícil ser questionada por um trabalho tão importante para a formação do ser humano e nos faz questionar quem está conosco na busca da efetivação da Lei 10.639/03 e da educação antirracista nas escolas pois, professoras brancas que formam educadoras brancas e negras não cumprem com a Lei em sua sala de aula e não formam educadoras preocupadas com a efetivação da Lei, assim como não apoiam aquelas que estão preocupadas com essa luta. A Lei 10.639/03 não se faz presente no momento mais importante da formação de futuras pedagogas que é o momento de docência final

O estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia tornou possível me redescobrir não só como educadora, mas como mulher negra. Ter a oportunidade de analisar propostas pedagógicas desenvolvidas durante essa fase tão importante da minha vida acadêmica e profissional foi encantador. Nem todos os momentos do estágio foram perfeitos. Fora da sala de aula, ou seja, nas orientações de planejamento com a equipe de estágio, tive insegurança e vontade de desistir do trabalho.

Ter a oportunidade de reencontrar-me com minha docência e me reconectar com a educação das relações etnicorraciais foi o melhor ganho dentro da Universidade. Durante esse percurso ganhei consciência, ganhei um novo olhar, ganhei o empoderamento que me faltava, aquele que com o novo olhar, enxergo as atitudes de racismo contra a minha pessoa e consigo perceber o quão importante se torna esse trabalho realizado na educação básica para que pessoas como eu, ao crescerem em suas caminhadas, percebam coisas boas em relação ao seu ser negro.

Dentro da sala de aula não tive insegurança, não tive medos, tampouco tive receios, nem vontade de desistir. Meu ser docente me torna quem sou, me torna completa e estar com essa turma tão especial despertou me a vontade de continuar buscando especializações e inspirações para poder ocupar esse espaço nas escolas, o espaço da professora titular negra defendendo o estudo das relações etnicorraciais.

Preocupar-se com as relações etnicorraciais vai muito além do olhar somente com sujeitos negros, implica permitir e valorizar a representatividade, desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminação. Implica motivar a construção de orgulho e também admiração, assim como ajudar na construção de uma educação antirracista e uma sociedade consciente e igualitária, possibilitando a escola e aos sujeitos uma pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão e da emancipação.

7. Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. MEC: 2004.

_____. **Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf> Acesso em: março. 2019.

_____. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese de doutorado. Araraquara, 2014. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/3146.pdf> Acesso em: maio, 2019

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. **Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 67-84, jan./mar. 2013. Editora UFPR.

COSTA, Kyanny Denardi da. **Pertencimento étnico-racial, negritude e literatura : narrativas e produções de crianças dos anos iniciais**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115808/000953837.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: julho, 2019.

DALLA ZEN, Maria Isabel; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **Leituras de crianças sobre a diferença étnico-racial**. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. et al. A diferença na literatura infantil. SP: Moderna, 2012.

DORNELLES, Leni Vieira. **“TU NÃO PODES SER PRINCESA”:** **CORPOS, BRINQUEDOS E SUBJETIVIDADES.** In.: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto (orgs.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. A cor da cultura v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, p. 31-36. Disponível em:

<<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>> Acesso em: julho, 2019.

DUBEUX, M. H. S.; SOUZA, I. P. de. **Organização do Trabalho Pedagógico por Sequências Didáticas.** In: BRASIL, PACTO NACIONAL PARA A ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA, UNIDADE 6, ANO 1, 2012.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa.** 15 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008 [1994]

FIGUEIREDO, Evillys Martins; CUNHA, Nilzi Regina Santos; TAVARES, Antônia Maria Bioso. **Literatura Afro-brasileira: formação afirmativa de identidades e memórias de crianças no Ensino Fundamental.** In: Relações étnico-raciais para o Ensino Fundamental: projetos de intervenção escolar / Wilma de Nazaré Baía Coelho, Carlos Aldemir Farias da Silva, Nilcema Josenila Brito Soares, organizadores. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; MEINERZ, Carla Beatriz. **Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a decolonização dos saberes.** Horizontes, v. 35, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2017

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Ação e ducativa.org

_____, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** In: MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação. 2005

_____, Nilma; SILVA, Petronilha. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores** / Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Org.) – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____, Nilma Lino. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03.** Brasília, 2012.

LEITE, Luciane Andreia Ribeiro. **A TRAJETÓRIA DOS ALUNOS INGRESSANTES NA TURMA ALFA – 1/2001 NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS: PROBLEMATIZANDO AFASTAMENTOS E PERMANÊNCIAS.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

LIMA, Valeska Alessandra. **O processo seletivo para ingresso no Colégio de Aplicação da UFRGS: lembranças de professoras (1954-1983).** Associação Brasileira de História Oral: 2016. Disponível em: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462156240_ARQUIVO_TEXTO-ValeskaABHO2016.pdf> Acesso em: 14 maio, 2019

MACHADO, Fabiane Oliveira. **UMA ESCOLA ILEGAL: Limitações e inconsistências da implementação da Educação para as Relações Étnicorraciais.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2016.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais.** In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 59-77, jan./mar. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: Ministério da Educação. 2005

Regimento do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp_Outubro-2005.pdf> Acesso em: março, 2019.

RIBEIRO, Michelle Maciel. **“OLHA PROFE, EU PAREÇO COM ELA!”: As Implicações da EREER na Construção de Identidade Racial.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2017.

SANT'ANA, Antônio Olimpo. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados.** In: MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação. 2005

SANTOS, José Antônio dos. **A educação do negro: uma história que devemos conhecer.** In: Diversidade Étnica: Dialogando com a história e a cultura negra. Porto Alegre, 2017.

SILVA, Fabiana Pires da. **A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL E SUAS REPERCUSSÕES NO AMBIENTE ESCOLAR.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2010.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio. **Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras.** In: MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação. 2005

SILVA, L. DAMACENO, A.D. MARTINS, M, C, R. SOBRA, K, M. FARIAS, I, M, S. **Pesquisa Documental Alternativa Investigativa Na Formação Docente.** IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de Outubro de 2009- PUCPR.

SILVA, J, R, S. ALMEIDA, C, D. GUINDANI, J, F. **Pesquisa documental:**

Pistas Teóricas e Metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009 ISSN: 2175-3423.

SKIDMORE, Thomas E. **Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil.** Cad. Pesq., São Paulo, n.79, p.5-16, nov. 1991

VARGAS, Pedro Rubens. **O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre ou, para muitos, a surpreendente história de um museu que não parece museu dedicado a um gaúcho que não é percebido como gaúcho.** In: Museu de percurso do negro em Porto Alegre: etapa IV. Porto Alegre: 2015

VIEIRA, Daniele Machado. **O que são territórios negros?.** Material de Apoio ao Professor do Jogo “As Viagens do Tambor”. 2018

8. Anexos

Análise dos TCC's

	<p>A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL E SUAS REPERCUSSÕES NO AMBIENTE ESCOLAR.</p> <p>Fabiana Pires da Silva</p>	<p>UMA ESCOLA ILEGAL: Limitações e inconsistências da implementação da Educação para as Relações Étnicorraciais.</p> <p>Fabiane Oliveira Machado</p>	<p>Pertencimento étnico-racial, negritude e literatura : narrativas e produções de crianças dos anos iniciais.</p> <p>Kyanny Denardi da Costa</p>	<p>“OLHA PROFE, EU PAREÇO COM ELA!”: As Implicações da EREER na Construção de Identidade Racial.</p> <p>Michelle Maciel Ribeiro</p>
<p>INTRODUÇÃO</p>	<p>Sua pesquisa foi impulsionada pelo trabalho que realizou no estágio.</p>	<p>Conta sua experiência como menina negra que não se via como tal e como foi perceber-se como negra apenas na universidade ao participar do coletivo de estudantes negros.</p>	<p>Na introdução, escreve sua trajetória pessoal como criança negra na escola e como sua trajetória como profissional e universitária a levaram para o caminho das relações etnicorraciais.</p>	<p>Conta que não se via como negra, mas sabia que não se encaixava como branca. Não fica claro em que momento de sua vida começou a reconhecer sua negritude mas que foi na universidade que percebeu a lacuna que existe em relação aos</p>

				povos africanos.
METODOLOGIA	Pesquisa de campo com coletas de dados a partir da observação comunicativa.	Caráter qualitativo, do tipo estudo de caso e parcialmente documental.	Estudo de caso no âmbito da pesquisa qualitativa.	Pesquisa qualitativa de aspecto reflexivo com análise documental.
OBJETIVO	Compreender como foram e são construídas as relações raciais dentro do espaço escolar, e também como elas contribuem para a formação de uma comunidade voltada à promoção da equidade, da justiça sem preconceitos e da igualdade de direitos.	O intuito da pesquisa era entrevistar professoras atuantes dos anos iniciais de escolas públicas.	Problemática das relações etnicorraciais através da análise de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental numa escola pública estadual da cidade de Porto Alegre/RS.	Analisar como determinadas situações ocorrem no dia-a-dia, de que modos se expressam. A pesquisa tem caráter flexível, conforme vai se desenvolvendo, vai sendo definido seu foco de interesse, podendo ele variar, modificar, ampliar ou se reduzir.

<p>ANÁLISES</p>	<p>Além de analisar as aprendizagens dos alunos referentes ao projeto, fez uma pesquisa com os estudantes, as professoras da escola e a equipe diretiva sobre quais os métodos adotados para combater o racismo na escola Traz dados quantitativos sobre a pesquisa.</p>	<p>Analisa as entrevistas que realizou para compreender como a Lei 10.639/03 está inserida no contexto pedagógico das professoras entrevistadas, abordando qual o papel do Estado e da escola, enquanto instituições, na inserção da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar e de que maneira a falta de interesse, ações pedagógicas e formação de professores se tornam um entrave para o cumprimento da Lei 10.639/2003 e para as Diretrizes</p>	<p>Contextualização da escola e turma Descrição das propostas desenvolvidas para pesquisa.</p>	<p>Refletindo como se deu a interação dos alunos com suas propostas pedagógicas voltadas para a EREER ao longo do estágio.</p>
------------------------	--	---	--	--

<p>CONSIDERAÇÕES</p>	<p>Conclui que a Lei 10.639/03 mesmo após anos de luta do Movimento Negro ainda caminha a passos muito lentos. É preciso que professores e alunos conheçam a História e cultura afro-brasileira, promovendo uma leitura do mundo, criando visibilidade do povo afro-brasileiro, favorecendo a promoção da verdadeira cidadania e igualdade étnico-racial.</p>	<p>Todavia os estilhaços do século passado ainda perpetuam, transformando o racismo em uma arma muito poderosa e multifacetada. o quanto o racismo está presente na educação brasileira O espaço escolar ao mesmo tempo em que inclui os alunos negros exclui os saberes da história e da cultura afro-brasileira e africana. Precisamos desconstruir essa escola que privilegia e protagoniza os brancos, desprestigiando o negro e outras etnias, tornando a escola um ambiente</p>	<p>Questiona se os currículos dos cursos de formação docente, como o de Pedagogia da UFRGS estão atendendo a demanda das atuais legislações no que diz respeito as relações etnicorraciais.</p>	<p>A educação não se faz por decreto. O ensino perpassa pela prática consciente e reflexiva de cada docente em sua sala de aula. Em tratar temas polêmicos, em dar voz aos seus alunos, escutar eles, que são por vezes silenciados pela cultura dominante. Papel do educador consciente de sua importância é desconstruir estereótipos apresentando tantas outras possibilidades e realidades.</p>
-----------------------------	---	---	---	---

		totalmente eurocentrado.		
--	--	--------------------------	--	--

Tabela de atividades

	A.C.
Parecer	Referente ao projeto, A.C. mostrou-se muito respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Participou de todas as atividades de forma satisfatória e conscientizou-se da importância do trabalho desenvolvido.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relatou todos os lugares por onde passamos durante a visita, destacando o que não gostou (da Igreja do Rosário pois não entramos na igreja) e o que gostou (a igreja das dores pois entramos e achou muito bonito sua arquitetura, assim como gostou de brincar na praça do tambor e achou o tambor muito bonito.
Produção de conto sobre o baobá	Seu conto se passa na Angola e tem o título de “A segunda oportunidade” pois, retrata a história de um menino que pegou o fruto caído do baobá e agrediu o baobá quando o mesmo o pediu de volta. O menino se retrata com o baobá e se tornam amigos. Certo dia, uma menina aparece e rouba um fruto do baobá e o menino vai atrás dela para pegar o fruto de volta. Então, o baobá diz que todos merecem uma segunda oportunidade e todos ficam juntos para sempre.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho retrata o momento em que o menino agride o baobá e o faz com um pedaço de madeira semelhante à um taco de baseball. Retratou o êxtase do conto.
A criação de orixá como super-herói	Baseado em uma apresentação de slides sobre os orixás e seus elementos da natureza e na apresentação de capas de história em quadrinhos “Os contos dos orixás” de Hugo Canuto, A.C. criou a versão super-herói do orixá “Oxumaré”. Segundo A.C., Oxumaré tem “Poderes: é o deus do arco-íris e transporta a água entre o céu e a Terra. Personalidade: sensível e tranquilo.”.

Descrição de si mesmo	Ao se descrever diz o que mais gosta, dentre várias coisas, fazer texto e mexer no cabelo.
Descrição de atividade	Descreveu a atividade dinâmica do primeiro dia de aula como muito legal. Gostou muito desse dia.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	
	A.K.
Parecer	Referente ao projeto, A.K. se mostrou muito sábio, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relatou todos os lugares por onde passamos durante a visita, comentando o que aprendeu sobre cada um. Ligou a imagem dos escravos com sofrimento e percebeu que os africanos construíram a nossa cidade relatando “como os negros são especiais e construíram nossa sociedade.”.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “Um fruto fujão”, A.K. conta a história de frutos que não gostavam de viver no baobá pois, era uma árvore muito molhada e suas flores tinham cheiro de carniça. Todos os frutos abandonaram o baobá que ficou triste. Seu choro foi ouvido pelos deuses que mandaram procurar os frutos e como castigo retiraram o suco dos frutos.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá com um fruto fugindo. Retratou o êxtase do conto. Caracterizou o tronco do baobá fazendo menção ao jogo Minecraft, que não tem nenhuma relação com seu conto.
A criação de orixá como super-herói	Baseado em uma apresentação de slides sobre os orixás e seus elementos da natureza e na apresentação de capas de história em quadrinhos “Os contos dos orixás” de Hugo Canuto, A.K. criou a versão super-herói do orixá “Obá”.

Descrição de si mesmo	Ao se descrever fala as coisas que mais gosta de fazer que são envolvidas com brincadeira e lazer.
Descrição de atividade	
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Relata que gostou muito do meu trabalho, das atividades realizadas e destaca como o meu trabalho é importante é urgente na sala de aula. Pede para que não me esqueça deles, assim como não se esquecerá de mim.
	C.C.
Parecer	Referente ao projeto, C.C. se mostrou muito empolgada, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Trazia de casa materiais relacionados à religião afro-brasileira que é praticada por um familiar, se sentindo feliz em ver uma cultura familiar sendo tratada como conteúdo em sala de aula. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Em seu relato, chama os pontos visitados de “marcas africanas” e diz que a coisa mais importante que aprendeu foi que “os negros quem foram escravizados não os brancos.”.
Produção de conto sobre o baobá	Intitulado “O baobá angolano”, seu conto se passa no país Chade. É um diálogo entre o baobá e uma menina onde ele explica a ela a quantidade de água que pode armazenar e porquê ele aparenta estar virado de cabeça para baixo.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, relata a explicação do baobá mostrando a água armazenada no tronco e as raízes no chão.
A criação de orixá como super-herói	C.C. criou a versão super-herói do orixá “Nanã”. Segundo C.C., os poderes de Nanã consistem em ser deusa da lama e dos pântanos e sua personalidade é rigorosa. Destaca também que é a divindade mais velha de todos.

Descrição de si mesmo	Ao se descrever relata que ama dançar e cantar. Que é ansiosa e adora comer. Adora também matemática.
Descrição de atividade	Ao descrever o dia da visita do Dakir Larara, ressalta que foi importante a presença dele na sala, mas que não lembra de nada.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, diz que não sabe nem por onde começar, que minhas aulas são muito legais. Relata que achou muito divertida a primeira aula e a aula que mais gostou foi a que ouvimos sons da natureza e logo após conhecemos os orixás.
	C.J.
Parecer	Referente ao projeto, C.J. se mostrou muito empolgado, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Cita os nomes de alguns pontos por onde passamos durante o percurso e relata que tudo o que vimos faz parte do nosso passado, C.J. ressalta que mesmo que uma pessoa seja branca o percurso tem a ver com seu passado pois, o maior antepassado do branco é o negro. Relata que gostou de saber da maldição da Igreja das Dores que tem sua obra incompleta até hoje porque matava negros em seu local.
Produção de conto sobre o baobá	Intitulado “A flor do baobá, seu conto se passa na Líbia e conta a história de um homem que ficou rico por ser esperto e especial. Certo dia, ele conheceu a flor do baobá e se encantou por sua beleza porém, percebeu que ela não tinha educação, apenas beleza. A flor foi adoecendo e se encolhendo. No ano seguinte, ela percebeu que beleza não é tudo.

Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o homem personagem principal como negro, a flor do baobá grande e caricata e o baobá ao seu lado.
A criação de orixá como super-herói	C.J. criou a versão super-herói do orixá “Oxumaré”. Segundo C.J., os poderes de Oxumaré consistem em ser deus do arco-íris e transportar água entre o céu e a Terra. Sua personalidade é sensível e tranquila.
Descrição de si mesmo	Ao se descrever, relata ser divertido e alegre pois ama sua vida. Se autodeclara branco e diz não ter preconceito com as pessoas negras.
Descrição de atividade	Descreveu o dia em que fizemos uma receita angolana chamada “areia” e disse que foi bem divertido.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Ao descrever o que achou da professora, diz que sou muito generosa, amorosa e que sei quase tudo, se eles perguntam eu respondo.
	D.F.
Parecer	Referente ao projeto, D.F. se mostrou muito empolgada, representada e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Se sentiu muito feliz e aberta a falar que cultua a religião afro-brasileira, se sentindo realizada em ver uma cultura familiar sendo tratada como conteúdo em sala de aula. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma. Se sentindo muito feliz e representada durante o projeto, vendo a História e cultura dos negros sendo valorizada dentro da sala de aula.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Faz um breve relato sobre alguns pontos do percurso e finaliza ressaltando que aprendeu “a importância dos negros africanos na construção da cidade de Porto Alegre.”.
Produção de conto	Em seu conto, intitulado “A flor ruim do baobá ”, D.F. demonstra sua aprendizagem sobre a peculiaridade da flor do baobá: seu cheiro de

sobre o baobá	carniça, unindo ao esteriótipo da beleza em que a flor diminuía as demais por se achar a mais linda e cheirosa de todas. Foi castigada por isso com seu cheiro e pediu desculpas às demais.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá com duas flores e seu tronco com o interior com água armazenada.
A criação de orixá como super-herói	D.F. criou a versão super-herói do orixá “Oxumaré”. Segundo D.F., Oxumaré é o deus do arco-íris e transporta água entre o céu e a Terra. Sua personalidade é sensível e tranquila.
Descrição de si mesmo	Ao se descrever, se autodeclara uma menina negra e diz que adora sua cor.
Descrição de atividade	Descreveu o dia em que tivemos uma oficina de turbantes. Relata que nesse dia aprendeu que não precisa alisar o cabelo e que é linda de cabelo cacheado. Relata que antes dessa aula, ela queria alisar os cabelos porque não gostava de seu cabelo crespo. Depois disso e de ter ouvido eu dizer que seu cabelo era lindo, ela começou a gostar do seu cabelo.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre as aulas da professora, D.F. gostou do quiz do baobá, da multiplicação feita com feijões e tabela de Pitágoras, da visita aos territórios negros, ao quilombo, das atividades referentes aos orixás e relata que adorou trabalhar comigo.
	G.N.
Parecer	Referente ao projeto, G.N. se mostrou muito empolgada, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo.

Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relatou todos os lugares por onde passamos durante o percurso e destacou a Igreja das Dores e sua história de maldição.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto, intitulado “O baobá mentiroso”, G.N. relata as consequências que uma mentira pode trazer para a vida de alguém. O baobá, personagem principal, que mentia para seu pai teve um castigo dado pelos deuses do baobá, começou a emagrecer, perder muita água e suas flores ficaram fedorentas com cheiro de carniça.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá cheio de água armazenada em seu interior, com uma flor pendurada e uma menina negra de cabelo crespo ao seu lado.
A criação de orixá como super-herói	G.N. criou a versão super-herói do orixá “Oxumaré”. Segundo G.N., Oxumaré tem uma personalidade sensível e tranquila e seus poderes consistem em ser o deus da chuva e do arco-íris, transportando água entre o céu e a Terra.
Descrição de si mesmo	Ao se descrever se autodeclara parda, diz ser ansiosa e adorar brincadeiras ao ar livre. Diz que adora estudar e é inteligente, piadista e não gosta que falem dela por suas costas.
Descrição de atividade	Descreveu o dia em que fomos ao quilombo dos Alpes, relatando que foi uma experiência incrível em que conheceu amigos novos, achou a paisagem linda e gostou de ver a “cidade grande lá de cima”. Adorou viver muitas aventuras no quilombo.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre as aulas da professora, G.N. relata que adora as aulas que são muito legais, que eu ensino muito a eles, que faço muitas brincadeiras e ela me ama. Uma das aulas que mais gostou foi quando aprendeu sobre o baobá e quando ensinei a matemática de outro jeito.
	G.C.
Parecer	Referente ao projeto, G.C. mostrou-se muito empolgada, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Se sentiu muito feliz em participar das

	oficinas de turbante e percebeu a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Destacou alguns pontos por onde passamos e demonstrou sua percepção do sofrimento dos negros escravizados ao relatar que “A praça do tambor foi a melhor parte porque ninguém foi machucado.”.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto, intitulado “O mau humor de um fruto”, G.C. relata o baobá como alguém que não sabe respeitar as diferenças e os sentimentos dos outros. Existia um fruto triste que destoava da felicidade dos demais e o mesmo foi expulso da árvore pelo próprio baobá. O fruto resolveu atacar o baobá para se vingar e o baobá se desculpou por tal atitude. O fruto voltou para a árvore.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retratou duas cenas marcantes em seu conto: o momento em que o fruto triste é expulso do baobá e o momento (êxtase) em que o fruto volta para se vingar atacando o baobá com uma serra.
A criação de orixá como super-herói	G.C. criou a versão super-herói do orixá “Oxumaré”. Segundo G.C., Oxumaré tem uma personalidade sensível e tranquila e é o deus da chuva e do arco-íris.
Descrição de si mesmo	
Descrição de atividade	
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, G.C. afirma serem muito divertidas e educativas, muito mais do que o normal. Gostou do quiz do baobá e de retirar uma flor do baobá que tínhamos na sala e ler um trecho da história Obax para os colegas.
	G.P.
Parecer	Referente ao projeto, G.P. se mostrou muito empolgado, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma,

	ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Cita os nomes de quase todos os pontos por onde passamos durante o percurso sem se aprofundar em detalhes sobre nenhum. Relata que aprendeu que os negros são importantes na cidade de Porto Alegre.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O bar do baobá”, G.P. conta a história de um baobá que perseguia o criador para que o deixasse ser uma árvore normal sem armazenar água em seu tronco. O criador o castigou transformando seu interior em um bar que era visitado por muitas pessoas todos os dias. O baobá não ficou feliz com seu novo destino.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrará o baobá transformado em bar recebendo pessoas e dizendo que não está feliz com a situação. Retrata também o criador no céu com uma garrafa de bebida na mão. Todas as pessoas da ilustração são negras.
A criação de orixá como super-herói	
Descrição de si mesmo	
Descrição de atividade	
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	
	G.J.
Parecer	Referente ao projeto, G.J. se mostrou muito representado, empolgado, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Se sentiu muito feliz

	<p>e aberto a falar que cultua a religião afro-brasileira, se sentindo realizado em ver sua cultura sendo tratada como conteúdo em sala de aula. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma. Se sentindo muito feliz e representado durante o projeto, vendo a História e cultura dos negros, assim como a da religião afro-brasileira sendo valorizada dentro da sala de aula.</p>
<p>Relato sobre visita aos Territórios Negros</p>	<p>Relata os passos que demos durante o percurso e, ao falar da Esquina Democrática, ressalta que nela os africanos torciam para um time africano (G.J. gosta muito de futebol). Comenta que aprendeu “que os africanos foram os maiores construtores do nosso Brasil.”.</p>
<p>Produção de conto sobre o baobá</p>	<p>Em seu conto intitulado “O baobá e o morador”, G.J. conta a história de um baobá com o tronco mais especial que das demais árvores de sua cidade chamada Durban. Um morador da região resolveu cortar o tronco do baobá que teve ajuda de alguns animais que não são encontrados no continente africano. O morador se assustou e fugiu.</p>
<p>Ilustração do conto sobre o baobá</p>	<p>Em seu desenho, retrata o baobá com o morador com um machado prestes a cortar seu tronco e do outro lado os animais citados no conto para proteger o baobá.</p>
<p>A criação de orixá como super-herói</p>	
<p>Descrição de si mesmo</p>	
<p>Descrição de atividade</p>	
<p>Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária</p>	
	<p>H.C.</p>

Parecer	Referente ao projeto, H.C. se mostrou muito empolgado, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relatou todos os lugares por onde passamos durante o percurso, comentando o que aprendeu sobre cada um. Comenta que aprendeu “que os africanos sofreram muito e deixaram marcas africanas.”.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “A flor fedorenta”, H.C. conta a história de um baobá que que reclamou para o criador pois era a única árvore sem flores. O criador atendeu seu pedido, porém o baobá não gostou de seu cheiro e pediu para ficar cheiroso. O criador então, deixou as flores com cheiro de carniça e fez com que as flores durassem apenas um dia por ano.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata todo o conto em diferentes cenas, como um quadrinho. O criador é retratado como negro.
A criação de orixá como super-herói	H.C. criou a versão super-herói do orixá “Oxóssi”. Segundo H.C., Oxóssi é o deus da floresta, protetor dos animais e da caça e só admite a caça para alimento. Como características, destaca a roupa como natural (plantas e folhas) e o símbolo um arco.
Descrição de si mesmo	H.C. se descreve um menino muito feliz, que ama a família, seu cachorro e que gosta de jogar vídeo game, assistir TV e brincar.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem de toda a turma sentada na escada da Igreja das Dores e escreveu que fomos aos Territórios Negros e um dos percursos foi a Igreja das Dores.
Relato sobre o que achou das	Sobre minhas aulas, diz que são muito legais e interessantes, adora todas as aulas e agradece por tudo.

aulas da professora estagiária	
	K.C.
Parecer	Referente ao projeto, K.C. mostrou-se extremamente representada, empolgada e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Se sentiu muito valorizada, feliz e se reconheceu como uma menina negra linda, valoriza seu cabelo e se sente mais integrada ao grupo. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma. Se sentindo muito feliz e representada durante o projeto, vendo a História e cultura dos negros sendo valorizada dentro da sala de aula.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Comenta apenas que jogamos moedas para fazer um pedido no Mercado Público.
Produção de conto sobre o baobá	Em conto intitulado “Um baobá muito feliz”, K.C. conta a história de um baobá que vivia feliz com o sol e a lua, mas nunca viu uma pessoa. Um certo dia, um homem apareceu na floresta com sede e, ao perguntar ao baobá onde poderia encontrar água, o baobá respondeu que ele pode armazenar até cem mil litros de água e ofereceu água ao homem que aceitou e agradeceu.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá conversando com um homem negro.
A criação de orixá como super-herói	
Descrição de si mesmo	Em sua descrição, vemos o relato de uma menina que, desde cedo, ajuda nos afazeres domésticos. Cuida de suas irmãs mais novas, lava louça, varre o chão e demais afazeres. Não relata nada que goste de fazer como lazer, apenas relata seus afazeres em casa.

Descrição de atividade	Recebeu a imagem dos griôs na nossa sala de aula, um encontro em que os avós dos alunos foram convidados para a escola. Ela escreveu que o dia dos griôs foi muito legal.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, relata que foi divertido aprender sobre os super-heróis negros como o Oxalá porque na TV só aparecem super-heróis brancos. Diz que vai lembrar das aulas do baobá e da Obax assim como a saída de campo aos Territórios Negros e o jogo do tambor. Finaliza dizendo que sou muito carinhosa, divertida e fofa.
	L.S.
Parecer	Referente ao projeto, L.S. se mostrou muito empolgada, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Se sentiu muito orgulhosa de suas falas sobre a história dos africanos e afro-brasileiros para as pessoas que circularam pela sala durante o projeto.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “A flor do baobá”, L.S. conta a história de um baobá que reclamava aos deuses que não gostava do cheiro de suas flores que apareciam por uma noite por ano. Passavam os anos e ele continuava reclamando e dizendo que não queria que as flores aparecessem. Então, os deuses o castigaram enterrando-o de cabeça para baixo e o baobá nunca mais reclamou.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá com flores lindas que exalam cheiro de carniça representado por “fumaça” verde e moscas ao redor.

A criação de orixá como super-herói	L.S. criou a versão super-herói do orixá “Iemanjá”. Segundo L.S., Iemanjá é a mãe dos mares, sua roupa é uma armadura feita de metal, um espelho e uma coroa e sua personalidade é maternal.
Descrição de si mesmo	Relata que gosta de dançar e cantar, que é alegre e feliz e gosta de estudar e se divertir na hora do recreio.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem da visita ao Quilombo dos Alpes e fala que conheceu a Janja, griô do Quilombo.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, L.S. relata que o que mais gostou foi os estudos sobre o baobá e que as outras aulas foram muito divertidas também. Finaliza dizendo que sou muito engraçada, divertida, estudiosa e alegre.
	L.B.S.
Parecer	Referente ao projeto, L.B.S. se mostrou muito empolgada, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Se sentiu muito feliz por fazer parte do projeto e sempre retirava livros da biblioteca relacionados à temática. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relata alguns dos pontos por onde passamos durante o percurso e que aprendeu que “os negros construíram a cidade e que todos tem um antepassado negro.”.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O baobá estranho”, L.B.S. conta a história de um baobá que estava triste quando uma menina o viu. Ele respondeu que estava triste porque seus frutos haviam caído dentro de seu tronco, a menina se dispôs a ajudá-lo e o baobá ficou feliz.

Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá e seu interior com água armazenada e os frutos dentro dele. Retrata também, a menina ajudando a retirar os frutos de dentro do baobá.
A criação de orixá como super-herói	L.B.S. criou a versão super-herói do orixá “lemanjá”. Segundo L.B.S., lemanjá é mãe, usa a cor azul e é deusa dos mares e oceanos.
Descrição de si mesmo	Ao se descrever, diz que gosta de brincar e jogar futebol e todas as professoras são favoritas.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem de uma festa surpresa que foi feita para a monitora Evânia e diz que todos estavam muito felizes na festa.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, L.B.S. relata que todas foram muito legais e que queria mais aulas comigo. Diz que sou muito bonita e que meu cabelo cacheado é lindo.
	L.M.
Parecer	Referente ao projeto, L.M. participava de forma mais travada devido a religião praticada em casa. Isso implicava em uma barreira em seu processo de aprendizagem referente às discussões e produções sobre a temática.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Com seu relato intitulado de “O tempo do passado”, L.M. cita três lugares por onde passamos durante o percurso, destacando que jogou moedinhas no Mercado Público e que o Painel Afro-brasileiro representa nossos antepassados.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O menor baobá do mundo”, L.M. conta a história de uma nova espécie de baobá, seu tronco não tinha água como os demais baobás, ele era menor que os demais e a menor árvore do mundo. Ele vivia escondido no mato e um dia foi encontrado por uma menina que cuidou dele.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, faz um baobá que não tem nada a ver com o conto que escreveu, a não ser pelo fato de ele parecer menor do que o recomendado a um baobá por ser uma árvore muito grande.

A criação de orixá como super-herói	
Descrição de si mesmo	L.M. descreve sua comida favorita e diz que sua cor da pele é “café marrom”.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem do dia em que fizemos uma receita angolana. Diz que o suco do baobá e o doce areia foi um sucesso com a profe Evânia.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	
	L.E.
Parecer	Referente ao projeto, L.E. mostrou-se muito receptivo e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. Participou de todas as atividades de forma satisfatória e conscientizou-se da importância do trabalho desenvolvido.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Fez uma lista com os pontos do percurso e destacou que gostou do símbolo do Bará.
Produção de conto sobre o baobá	Seu conto intitulado “O tronco do baobá” é mais um relato sobre suas aprendizagens sobre a árvore. Destacando que tem o tronco mais grosso do mundo, é uma árvore muito antiga, abriga animais, aves e insetos e serve de casa para os africanos. Foi sua interpretação das aprendizagens sobre o baobá.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá com algumas pessoas e animais em sua volta convivendo em harmonia.
A criação de orixá como super-herói	L.E. criou a versão super-herói do orixá “Oxóssi”. Segundo L.E., Oxóssi é o deus da floresta, dos animais e da caça. Ressalta que ele só permite a caça para o alimento. Sua roupa é natural (feita com folhas e plantas) e seu símbolo é um arco.

Descrição de si mesmo	L.E. se relata que gosta de jogar vídeo game e gosta de matemática.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem de uma roda de leitura que antecedeu a oficina de turbantes. Disse que fizemos uma roda de história e roupa típica.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, relata que foram muito divertidas e que gostou muito das aulas do baobá. Finaliza dizendo que sou muito legal e simpática.
	M.B.
Parecer	Referente ao projeto, M.B. se mostrou muito empolgada, sábia, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Se sentiu muito feliz por fazer parte do projeto e percebeu os olhos de seus colegas negros brilharem ao se sentirem representados dentro da temática. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relata que descobriu que os negros escravizados construíram muitas coisas importantes de Porto Alegre. Cita que gostou do Mercado Público, pois nele tem uma imagem que embaixo dela existe uma pedra protetora que representa o deus Bará.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O baobá e seus segredos”, M.B. conta a história de um baobá baobá com um triângulo amoroso. O fruto namorava a flor e o tronco tinha inveja, pois queria namorar com a flor. Então, ele teve a ideia de dar um perfume com cheiro de carne estragada para a flor usar e o fruto, ao cheirá-lá, terminou com ela. O tronco, para irritar ainda mais o fruto, retirou o suco dele. O fruto ficou muito triste e a flor voltou a namorar com ele. Muito triste e choroso, o tronco sugava as lágrimas para que ninguém o visse chorando.

Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá triste com uma lágrima escorrendo do olho e a flor e o fruto apaixonados, ligados por um coração.
A criação de orixá como super-herói	M.B. criou a versão super-herói do orixá “Oxóssi”. Segundo M.B., Oxóssi tem o poder da caça e de proteção dos animais e não admite a caça se não for para comer.
Descrição de si mesmo	M.B. relata de gosta de plantas e de fazer amigos. Diz que quando crescer quer ser pedagoga e que se inspirou em suas professoras.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem da entrega do troféu de destaque do Salão de Ensino. Diz que, para chegarem ao topo, levaram um ano inteiro.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, relata que fomos nos Territórios Negros, no Quilombo dos Alpes e aprendemos a olhar diferente para Porto Alegre assim como aprendemos a respeitar os africanos. Finaliza dizendo que sou divertida, respeitosa, generosa e alegre.
	P.F.
Parecer	Referente ao projeto, P.F. se mostrou extremamente representado, empolgado, respeitoso e atento à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala e a importância desse projeto para o seu crescimento e suas emoções. Se sentiu muito feliz e aberto a falar que cultua a religião afro-brasileira, se sentindo realizado em ver sua cultura sendo tratada como conteúdo em sala de aula com todos os seus colegas. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma. Se sentindo muito feliz, orgulhoso e representado durante o projeto, vendo a História e cultura dos negros, assim como a da religião afro-brasileira sendo valorizada dentro da sala de aula.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Relata, em poucas palavras, que gostou muito da Praça da Alfândega e que entende a história do Mercado Público pois o Bará é de sua religião.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O baobá angolano”, P.F. conta a história de um baobá que reclama de sua aparência e tinha o desejo de ficar bonito que nem as demais árvores do mundo. Reclamou muitas vezes ao criador,

	que ficou muito bravo e o virou de cabeça para baixo. O baobá conheceu uma menina angolana que estava com sede e o baobá lhe deu água. A menina se tornou amiga do baobá e dos animais.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata um baobá sorridente e a menina negra ao seu lado.
A criação de orixá como super-herói	P.F. criou a versão super-herói do orixá “Omolú”. Segundo P.F., Omolú tem o poder da cura, é tímido e sua roupa é de palha.
Descrição de si mesmo	
Descrição de atividade	
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	
	R.M.
Parecer	Referente ao projeto, R.M. se mostrou muito empolgada, sábia, respeitosa e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Também percebeu os privilégios que as pessoas consideradas brancas têm na sociedade em relação aos negros e indígenas.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Com seu relato intitulado de “Um olhar para os negros”, R.M. destaca alguns pontos do percurso e resume a visita aos Territórios Negros dizendo que os negros devem ser muito valorizados e para ela, eles construíram o mundo e a felicidade.

Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “As flores do baobá”, R.M. conta a história de um baobá que teve suas flores roubada enquanto dormia. Ao acordar ficou muito triste e teve ajuda de um unicórnio e um flamingo que encontraram suas flores enterradas na terra e colaram de volta no baobá.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o baobá triste com apenas um fruto e os demais frutos enterrados no chão distantes do baobá.
A criação de orixá como super-herói	
Descrição de si mesmo	Descreve sua vida como muito legal, enfatizando que gosta de brincar, dançar, adora a matemática e a tabela de Pitágoras. Diz que sua melhor amiga é a D.F.
Descrição de atividade	Recebeu uma foto com sua com sua melhor amiga D.F. no dia da oficina de turbantes. Relata que tal dia foi muito legal, pois aprendeu que os negros devem ser muito valorizados e que as mulheres tem força e juntas são maiores que o mundo com seus cabelos livres assim como fortes e serão para sempre feministas e lutadoras do mundo.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, relata que gostou muito do quiz do baobá e da tabela de Pitágoras. Gostou do fato de eu ter acompanhado a turma no passeio ao parque aquático e a saída de campo ao Quilombo dos Alpes, duas atividades que ocorreram no período da manhã e tarde. Finaliza dizendo que me ama muito e que posso me sentir à vontade em seu coração.
	S.C.
Parecer	Referente ao projeto, S.C. se sentiu muito empolgada, sábia, respeitosa, representada e atenta à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo. Sentiu-se muito

	feliz e representada durante o projeto, vendo a História e cultura dos negros sendo tratada como conteúdo e valorizada dentro da sala de aula.
Relato sobre visita aos Territórios Negros	Destaca a ida ao Mercado Público, relatando que jogaram moedas ao Bará. Relata que aprendeu que os negros e africanos construíram uma parte de Porto Alegre.
Produção de conto sobre o baobá	Em seu conto intitulado “O baobá pequeno e o criador grande”, S.C. conta a história de um baobá diferente dos outros pois era pequeno. O criador enviado para criar as coisas na Terra queria aumentar o tamanho do baobá, mas haveria uma consequência para isso, o criador ficaria pequeno após tal feito e foi o que aconteceu. O criador ficou rezando por um século para seu Deus devolver seu tamanho real, mas seu Deus havia morrido e ele ficou pequeno para sempre.
Ilustração do conto sobre o baobá	Em seu desenho, retrata o criador pequeno e grande e o baobá pequeno e grande. O criador é representado como negro.
A criação de orixá como super-herói	S.C. criou a versão super-herói do orixá “Omolú”. Segundo S.C., Omolú tem um chocalho e seu poder é o de tirar as doenças das pessoas.
Descrição de si mesmo	Em sua descrição, S.C. se autodeclara negra e diz que tem cabelo crespo. Fala que mora com seus pais e um gato.
Descrição de atividade	Recebeu a imagem que contém ela e mais duas colegas sentadas no chão calculando a multiplicação com copinhos descartáveis e feijões. Relata que, nesse dia foi a segunda vez que fizemos “continha de vezes”.
Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária	Sobre minhas aulas, relata algumas atividades que foram significativas e finaliza dizendo que vou me formar sim porque gosto de textos e de fazer “continhas” e diz que me ama.
	Y.S.
Parecer	Referente ao projeto, Y.S. demonstrou muita empolgação, respeito e atenção à todas as atividades e relações vinculadas à temática. É nítido suas aprendizagens em sua fala. Fica contente em colaborar com seu conhecimento adquirido através de vídeos do youtube, mostrando como

	<p>utiliza a plataforma para adquirir conhecimento sobre novas culturas. Adquiriu uma consciência crítica sobre as relações da sociedade e a forma como o negro é inserido na mesma, ressaltando a importância do respeito com as diferentes etnias e a consciência de que temos que lutar contra qualquer tipo de preconceito, principalmente o racismo.</p>
<p>Relato sobre visita aos Territórios Negros</p>	<p>Relata que mais gostou do Bará do Mercado e diz que, quem quiser, pode jogar sete moedas para o Bará. Relata os outros pontos do percurso para listar por onde passamos.</p>
<p>Produção de conto sobre o baobá</p>	<p>Em seu conto intitulado “O ninja que roubava o fruto do baobá”, Y.S. conta a história de um ninja africano que roubou o fruto de um baobá da floresta. O ninja resolveu dar o fruto de presente para uma mulher e pediu para namorar com ela. Ao recusar seu pedido, o ninja resolveu devolver o fruto ao baobá e se desculpar. Só fez o certo porque não conseguiu o que queria com o fruto.</p>
<p>Ilustração do conto sobre o baobá</p>	<p>Em seu desenho, retrata, em cenas diferentes, o ninja roubando o fruto do baobá e entregando para a menina que pediu em namoro. O ninja é representado como negro.</p>
<p>A criação de orixá como super-herói</p>	
<p>Descrição de si mesmo</p>	<p>Fala que em sua rotina, chega em casa e faz um texto sobre o seu dia e após pode jogar no celular ou na internet.</p>
<p>Descrição de atividade</p>	<p>Recebeu a imagem da monitora angolana Evânia conversando com o terceiro e o quarto ano. Relata que nesse dia ela apresentou como o racismo percorria na Angola e que ele concluiu que o racismo deve ser muito forte.</p>
<p>Relato sobre o que achou das aulas da professora estagiária</p>	<p>Sobre minhas aulas, relata que foram muito legais e divertidas e quer mais quizzes e tabela de Pitágoras. Diz que me acha muito legal, que sabe que me esforço muito e meu trabalho é incrível, por isso me ama. Também pede para que eu participe do quarto ano com eles.</p>

Sequência didática: “Contos do Baobá: a árvore sagrada”

FOCO: Introduzir a temática África de modo criativo. Trazendo a árvore Baobá que é muito sagrada para os africanos, como o gatilho para o projeto “Africanidades” para trabalhar o gênero textual conto.

1. OBJETIVO GERAL:

Compreender a importância da árvore Baobá nos contos africanos, de modo a conhecerem um pouco mais sobre os diferentes contos que trazem a Baobá como personagem principal e familiarizar-se com o gênero textual conto para que possamos construir um livro de contos do baobá.

2. JUSTIFICATIVA:

A temática escolhida surgiu após de muita pesquisa sobre como introduzir as africanidades com a turma. Tendo em vista que, a árvore Baobá faz parte dos contos africanos e que a cultura africana tem muitos contos e oralidade, a sequência didática trás o gênero textual conto.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Antecipar sentidos relativos ao texto a ser lido pela professora;
- Realizar inferências no conto Obax;
- Ler frases referente ao conto Obax;
- Desenvolver a rapidez mental, a lógica e a concentração através de jogo africano;
- Realizar inferências a partir de leitura de imagem da capa do livro em que está o texto que será trabalhado posteriormente;
- Realizar inferências em textos do gênero textual conto, lidos pela professora;
- Pesquisar significados de palavras contidas no texto e reconhecer sinônimos das mesmas;
- Reconhecer estrutura composicional do gênero conto.

Atividade disparadora da sequência didática “Contos do Baobá: a árvore sagrada”:

- **Livro “Obax” de André Neves**
- Antes da leitura, a professora levará uma caixa com os seguintes itens dentro: flores, uma pedra bonita, um elefante de pedra e uma foto da árvore baobá. Serão feitas perguntas para os alunos: O que

vocês acham que tem nessa caixa? Quais são esses objetos? O que eles representam? Alguém acredita no poder místico das pedras? Que relação pode ter entre esses objetos? Alguém já ouviu falar sobre a árvore baobá? Essa árvore é de onde? O baobá é maior árvore do continente africano - um reservatório de água boa e alimento farto, os baobás podem alcançar a idade de 6 mil anos. Também existem baobás na Austrália. Vamos procurar o continente africano no mapa? Ele fica muito longe do Brasil? Vamos marcar a distância do mapa entre o Brasil e o continente africano com uma fita colorida.

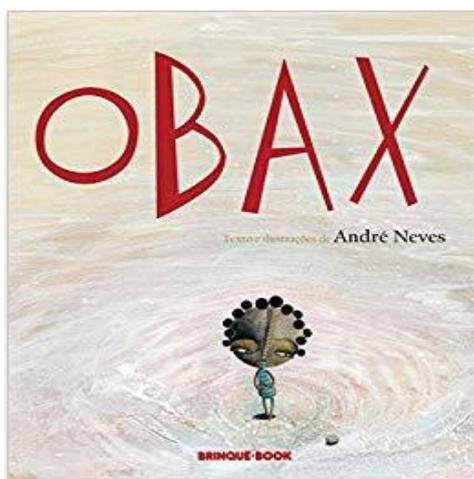
- Após as perguntas, a professora passará a caixa para que todos explorem o material de dentro da caixa.



- Após todos terem explorado a caixa com os objetos, a professora mostrará a capa do livro “Obax”, mas apenas o título, tapando a imagem da menina na capa. Perguntará aos alunos o que está escrito? Por que vocês acham que está escrito Obax? Já ouviram essa palavra antes? Essa palavra é parecida com algum nome dos objetos que temos na caixa? Qual? Será que essa palavra se refere à um objeto ou à uma pessoa? É nome de um menino ou uma menina?
- E, ao mostrar a menina na capa, fará novas perguntas: Agora, vocês conseguem entender sobre o que se trata o livro? O que será que é Obax? Vamos descobrir?
- Retomar a ilustração contextualizando o tema afro e contando sobre as cores e desenhos próprios das Savanas e o seu valor cultural. O que vocês sentiram ao verem as imagens dessa história? Se sentiram em

algum lugar diferente? Qual? Nas imagens vemos muitas coisas, objetos e animais que são de qual região?

- Vocês sabiam que o autor desse livro também é o ilustrador? Ele faz lindos desenhos para ilustrar seus livros. André Neves tem 44 anos e nasceu no Recife, na cidade de Pernambuco, mas mora em Porto Alegre há anos e diz que se sente gaúcho e não pensa em morar em outro lugar.



4. Produção inicial da sequência didática:

Baobá da Alfa 3

- A professora levará para a sala uma árvore réplica de baobá com flores penduradas, assim como o baobá da história de Obax. Nas flores terão frases que remetem ao texto do livro Obax e cada aluno colherá uma flor da árvore. Cada aluno fará a leitura em voz alta de sua frase e a professora perguntará: O que a frase te fez pensar? Sobre o que a frase remete à história?
- Vocês gostaram das frases que colheram do baobá? Agora, escrevam na flor um desejo para o nosso semestre letivo para colocar no baobá sagrado da Alfa 3.
- **Módulo 1: Jogo Awalé:** Esse jogo contém no livro “A semente que veio da África” e faremos o mesmo com caixas de ovos e as sementes serão feijões. Iremos ler as regras do jogo em conjunto, no projetor e as regras ficarão no projetor durante o jogo.



Fechado, um belo crocodilo entalhado em madeira. Aberto, vira um tabuleiro de *awalé*.



54

Plantar e colher com o *awalé*

Georges Gneka

T

Três importantes jogos de reflexão existem no mundo: o *xadrez* no ocidente, o *go* na Ásia e o *awalé* na África. Eles são frutos de idéias, formas de raciocinar e, também, da memória coletiva dos povos que os criaram.

Pelo *awalé*, o jogador conhece a alma africana ou a dos baobás, pois é com seus grãos que se joga. A diversão tem um pé na mitologia e outro no cotidiano da África. Ao jogar, o que se está fazendo é repetir os ciclos da natureza: o cultivo do solo e as colheitas, que seguem o ritmo das estações.

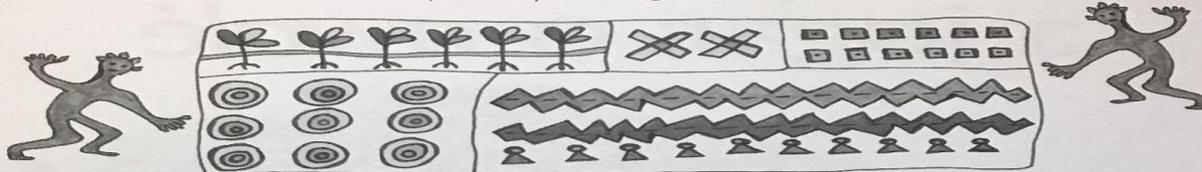
Todo jogo tem uma estratégia. O *awalé* baseia-se na redistribuição contínua das sementes. Porém, tudo pode ser posto em xeque a cada instante.

Pela África, o *awalé* recebe vários nomes: *awele*, *lela*, *chosolo*, *kealak* etc. As regras também podem variar um pouco, tanto quantos são os vilarejos que existem em cada região. Contam que ele é originário do norte do Golfo de Guiné, de onde começou a viajar pelo continente e, depois, pelo mundo. Até chegou no Brasil.

Semear para colher é o princípio fundamental, que não varia. Esse é o segredo e a fonte, na prática ancestral africana, da troca. As estratégias são exercícios de cálculos matemáticos, pelos quais desenvolvemos a rapidez mental, a lógica e a concentração. Tudo isso numa brincadeira. Ele é muito fácil de aprender. Anos de jogo, no entanto, fazem com que certos jogadores se tornem invencíveis. Mas é, sobretudo, um jogo baseado na generosidade: para ganhar, um jogador tem que saber doar ao seu adversário. (Veja as regras no encarte que acompanha este livro.)

As regras do jogo

(escritas por Georges Gneka)



Junte 48 sementes ou pedrinhas, leia as instruções e convide seus amigos para jogar o *awalé*.

- 1. Objetivo do jogo:** realizar uma grande colheita. O jogador que colher o maior número de sementes até o final da partida, ganha.
- 2. Campo do jogo:** é dividido em 2 territórios, com 6 buracos cada um. Cada jogador escolhe o seu território: o sul ou o norte.
- 3. Início do jogo:** cada cova receberá, igualmente, 4 sementes, de forma que cada jogador preencha todos os buracos do seu campo, plantando 24 sementes no total.
- 4. A vez de cada jogador:** os participantes combinam sobre quem iniciará a partida. Quem começa, escolhe uma das covas do seu território e retira seu conjunto de sementes (4) para redistribuí-las.
- 5. A redistribuição:** a direção do jogo é sempre para a direita. Depois de esvaziar a cova escolhida, o jogador coloca uma das 4 sementes em cada uma das covas seguintes. Portanto, os 4 buracos à direita do vazio receberão cada qual uma semente.
- 6. Plantar no território do adversário:** o próximo a jogar é o adversário. Da mesma forma, ele escolhe uma cova, no seu território, retira dela todas as sementes e as redistribui, respeitando o sentido (sempre à sua direita) e a seqüência (não pular nenhuma cova). Assim, as sementes se deslocam por

entre as cavidades do seu território, mas também nas do adversário. E cada cova vai acumulando as novas, que se somam às sementes iniciais. O partilhar também gera situações em que as covas podem ficar com poucas sementes.

7. Colheita: as covas com 1, 2 ou 3 sementes correm risco. Se um jogador calcular bem, de forma que a última semente distribuída caia numa cova do adversário que tenha 1, 2 ou 3 sementes, ele tem o direito de esvaziar a cova, recolhendo as sementes para si e tirando-as do jogo. Mas isso vale apenas para as covas com 3 sementes ou menos.

8. Colheita múltipla: as covas do adversário que tenham poucas sementes se tornam alvo. Quando um dos jogadores consegue “colher” todas as sementes de alguma cova, como descrito acima, todas as covas precedentes que também contiverem de 1 a 3 sementes poderão ser esvaziadas. O jogador pode, assim, conseguir, numa só jogada, colher uma série grande de sementes de várias covas em seqüência.

9. Fazer um krou*: dar uma volta completa. Se a cova escolhida pelo jogador para iniciar a jogada tiver mais de 11 sementes, ele terá de depositar as demais em seqüência, uma em cada cova, o que fará com que dê uma volta completa no tabuleiro, passando pelos dois campos. Nesse caso, a cada passagem o jogador deverá pular a cova de partida, que deve ficar sempre vazia.

10. Dar a comer: neste jogo, não se tem o direito de deixar o adversário faminto. Se o adversário não tiver mais nenhuma semente no seu campo, o outro jogador deve entregar-lhe uma semente, retirada de uma de suas covas, para que o jogo possa continuar. De uma semente pode-se voltar a ter muitas.

11. Fim do jogo: quando o número de sementes for tão pequeno que nenhum participante consiga capturar a semente do outro, o jogo acaba. Ganha quem tiver retirado o maior número de sementes.

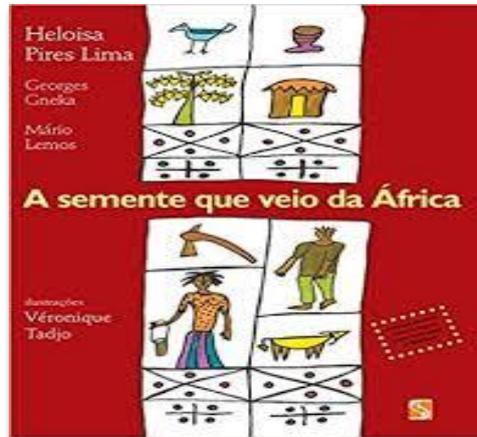
12. O jogador: Ele planta, ele colhe. E deve calcular, pela quantidade de sementes de onde parte, onde vai cair e o quanto poderá colher do adversário. Do mesmo modo, deve calcular para que as covas de seu território não fiquem com poucas sementes.

* Nome do grupo e da etnia a que eu pertenço.

Referência do jogo: GNEKA, Georges; LEMOS, Mário; LIMA, Heloisa Pires. **A semente que veio da África**. Salamandra, 2005.

Módulo 2: Inferindo o conteúdo do livro “A semente que veio da África”

- **Trabalhando com a capa do livro**
- Antes da leitura do texto, a professora entregará aos alunos uma folha estruturada com a imagem da capa do livro de onde o texto foi retirado e perguntará: O que vocês acham que conta esse livro? Se o título é “A semente que veio da África”, sobre o que será que se trata o conteúdo do livro? Então, vocês vão agora escrever um texto sobre o que será que tem nesse livro. Vale inventar a história que o livro conta ou explicar sobre o que se trata o livro.



- Após a construção textual sobre o contexto do livro. Cada um irá ler o que escreveu para compartilhar com os colegas e para vermos se há algo parecido assim que a leitura do texto selecionado do livro for feita.
- **Leitura do texto:**
- **Texto que será utilizado:**

A árvore de cabeça para baixo

(uma história da Costa do Marfim)

Nos primórdios da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá, e só depois continuou a fazer tudo existir.

Mas ao lado do baobá havia um charco. O Criador havia plantado o primogênito bem perto de uma região alagadiça. Sem vento, a superfície daquelas águas ficava lisa como um espelho. O baobá se olhava, então, naquele espelho d'água. Ele se olhava, se olhava e dizia insatisfeito:

- Por que não sou como aquela árvore?

Ora achava que poderia ter os cabelos mais floridos, as folhas, talvez, um pouco maiores.

O baobá resolveu, então, se queixar ao Criador, que escutou por uma, duas horas as suas reclamações. Entre uma queixa e outra, o Criador comentava:

- Você é uma árvore bonita. Eu gosto muito de você. Me deixe ir, pois preciso continuar o meu trabalho.

Mas o baobá mostrava outra planta e perguntava: Por que suas flores não eram assim tão cheirosas? E sua casca? Parecia mais a pele enrugada de uma tartaruga. E o Criador insistia:

- Me deixe ir, você para mim é perfeito. Foi o primeiro a ser criado e, por isso, tem o que há de melhor em toda a criação.

Mas o baobá implorava:

- Me melhore aqui, e um pouco mais ali...

O Criador, que precisava fazer os homens e os outros seres da África, saía andando. E o baobá o seguia onde quer que ele fosse. Andava pra lá e pra cá. (E é por isso que essa árvore existe por toda a África.)

O baobá não deixava o Criador dormir. Continuava e continuava, e continuava sempre a implorar melhorias.

Justo a árvore que o Criador achava maravilhosa, pois não era parecida com nenhuma outra, nunca ficava satisfeita! Até que, um dia, o Criador foi ficando irritado, irritado, mas muito irritado, pois não tinha mais tempo pra nada. Ficou irado mesmo. E aí então se virou para o baobá e disse:

- Não me amole mais! Não encha mais a minha paciência. Pare de dizer que na sua vida falta isso e aquilo. E cale-se agora.

Foi então que o Criador agarrou o baobá, arrancou-o do chão e o plantou novamente. Só que... dessa vez, foi de ponta-cabeça, para que ele ficasse de boca calada.

Isso explica sua aparência estranha; é como se as raízes ficassem em cima, na copa. Parece uma árvore virada de ponta-cabeça!

Até hoje dizem que os galhos do baobá, voltados para o alto, parecem braços que continuam a se queixar e a implorar melhorias para o Criador. E o Criador, ao olhar para o baobá, enxerga a África.

Heloisa Pires Lima, Georges Gneka e Mário Lemos.

A semente que veio da África.

São Paulo: Salamandra, 2005

Intervenções na leitura do conto “A árvore de cabeça para baixo” retirado do livro “A semente que veio da África”:

- **Antes da leitura**

- Levar o título do texto coberto para revelar uma palavra por vez, perguntando se já sabem o título do texto antes de revelar ele por completo.



- Após o título ser revelado: Do que vocês acham que o texto trata? Vocês já viram uma árvore de cabeça para baixo?
- O texto que vamos ler está neste livro: A semente que veio da África. Sabendo disso, vocês conseguem pensar em mais informações sobre o texto?
- **Durante a leitura:**
 - A professora entregará para os alunos uma folha com o texto para que acompanhem a leitura oral.
 - Prestem atenção na leitura e anotem informações que acharem necessárias sobre o assunto do texto e anotem no caderno.
 - **Após a leitura silenciosa feita pelos alunos:**
 - Conversarei com as crianças a respeito da proposta do livro de nos ajudar a conhecer o baobá por meio de lendas, histórias, informações, fotos e jogos. Que vamos trabalhar uma lenda por semana que está no livro e assim conhecer como diferentes povos africanos falavam sobre o baobá.
 - No texto que lemos tem algo parecido com o que vocês escreveram sobre suas hipóteses do que se tratava o livro?
 - Aqui nesse conto, assim como na história de Obax, vemos o quanto o baobá é sagrado para o povo africano.
 - **Interpretação oral:**
 - Qual o gênero do texto lido?
 - O texto explica o título do mesmo?
 - Por que o Criador foi ficando irritado com o baobá?
 - Por que o baobá perseguia o Criador?

Módulo 3: Atividade de sistematização sobre o conto “A árvore de cabeça para baixo”

- Cada aluno terá que marcar as palavras que não conhece no texto e procurar seus significados no dicionário para anotar no caderno.
- Vamos verificar qual aluno achou mais palavras desconhecidas para anotarmos no quadro e vermos quais os significados da mesma encontrados no dicionário.

Sinônimos:

- **Sinônimo** é um adjetivo masculino que classifica uma palavra que, apesar de ser diferente, **tem o mesmo significado (ou muito parecido) de outra**. [auxílio para a professora]
- **Vocês sabem o que é um sinônimo? Quando uma palavra é sinônima de outra?**
- **Nesse trecho do conto “A árvore de cabeça para baixo”, vocês terão que procurar pelo sinônimo da palavra faltante para completar no texto.**



Colégio de Aplicação - UFRGS

Nome: _____ Data: ____/____/____

Leia com atenção o trecho do conto “A árvore de cabeça para baixo”, veja quais palavras estão faltando e substitua as palavras por outra palavra que seja sinônimo da mesma. Utilize o dicionário para tal atividade:

Nos _____ da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá, e só depois continuou a fazer tudo existir.

Mas ao lado do baobá havia um _____. O Criador havia plantado o _____ bem perto de uma região _____. Sem vento, a superfície daquelas águas ficava lisa como um espelho. O baobá se olhava, então, naquele espelho d’água. Ele se olhava, se olhava e dizia insatisfeito:

- Por que não sou como aquela árvore?

Ora achava que poderia ter os cabelos mais floridos, as folhas, talvez, um pouco maiores.

O baobá resolveu, então, _____ ao Criador, que escutou por uma, duas horas as suas reclamações. Entre uma queixa e outra, o Criador comentava:

- Você é uma árvore bonita. Eu gosto muito de você. Me deixe ir, pois preciso continuar o meu trabalho.

Módulo 4: Estrutura composicional do gênero conto

- Nós já ouvimos dois contos. Quais foram eles? Vocês sabem o que diferencia um conto de outros gêneros textuais? O que precisamos para escrever um conto? Vamos descobrir?
- A professora entregará uma folha com algumas informações sobre o que é conto. Após a leitura das informações sobre o gênero textual conto, faremos uma conversa sobre o que lemos para fazermos uma atividade de sistematização.
- “O termo conto deriva do latim *comentum*, in. (invenção, ficção, plano, projeto) ligado ao v. *Conteor*, eris (olhar atentamente para, contemplar,

ver, dividir). Narração oral ou escrita (verdadeira ou fabulosa); obra literária de ficção, narração sintética e monocrônica de um fato da vida” (FERREIRA, 1986, p. 302). [auxílio para a professora]

Gênero textual: conto

- O Conto é uma história inventada por alguém. Geralmente contém um único drama, que pode ser chamado de “célula dramática”. Uma célula dramática contém uma só ação, uma só história. No conto não importa muito o passado, nem o futuro dos personagens, pois isso é irrelevante para o contexto do drama, objeto do conto. O espaço da ação é restrito. Ou seja, a ação não muda de lugar e quando eventualmente muda, perde dramaticidade. O objetivo do conto é proporcionar uma impressão única no leitor. Caracteristicamente, os contos envolvem algum tipo de magia ou encantamento, onde animais falantes são muito comuns.

A estrutura do conto é composta por:

- **Introdução ou Apresentação** – Geralmente coincide com o começo da história, é o momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais, as personagens e, às vezes, o tempo e o espaço.
- **Complicação ou Desenvolvimento** – É a parte do enredo em que é desenvolvido o drama
- **Clímax** – É o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge o seu ponto máximo.
- **Desfecho ou Conclusão** - É a solução do conflito, que pode ser surpreendente, trágica, oômica, entre outras. Corresponde ao final da história.



Na África, os contadores de histórias são chamados de GRIOT. São considerados sábios, e são muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Por meio de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. Nas aldeias africanas era costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas e horas ouvindo histórias do fantástico mundo africano, transmitidas pelos GRIOTS.

Fonte: <http://www.ciadejovensgriots.org.br>

Atividade de sistematização:

- Cada aluno ganhará uma folha com um quadro em branco para completar com informações sobre o conto “A árvore de cabeça para baixo”

A árvore de cabeça para baixo (uma história da Costa do Marfim)			
Enredo	Clímax	Personagens	Desfecho

O baobá perseguia o Criador por que queria sempre melhorias, pois não se achava perfeito.	O Criador ficou irritado com o baobá e disse para não encher mais sua paciência.	Baobá e o Criador	O Criador, zangado, arrancou o baobá do chão e o plantou de ponta-cabeça para que não mais reclamasse.
---	--	-------------------	--

- Agora que já vimos alguns contos e já sabemos como um conto se estrutura, vamos utilizar nossas aprendizagens para encontrar no conto “A árvore de cabeça para baixo” o enredo, o clímax, os personagens e o desfecho do conto. Vocês podem utilizar a folha com as informações sobre conto para auxiliar nessa pesquisa.
- Após todos preencherem o quadro, perguntarei o que colocaram em cada tópico e como chegaram a essa conclusão e se tal conclusão atende ao que cada tópico realmente representa na estrutura de um conto.

 <p style="text-align: center;">Colégio de Aplicação - UFRGS</p> <p>Nome: _____ Data: ____/____/____</p> <p>Consulte o texto do conto “A árvore de cabeça para baixo” e preencha o quadro referente à estrutura do conto:</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; margin-top: 10px;"> <tr> <th colspan="2" style="text-align: center; padding: 5px;">A árvore de cabeça para baixo (uma história da Costa do Marfim)</th> </tr> <tr> <td style="width: 20%; text-align: center; vertical-align: middle; padding: 5px;">Enredo</td> <td style="padding: 5px;"> <table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center; vertical-align: middle; padding: 5px;">Clímax</td> <td style="padding: 5px;"> <table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center; vertical-align: middle; padding: 5px;">Personagens</td> <td style="padding: 5px;"> <table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table> </td> </tr> </table>	A árvore de cabeça para baixo (uma história da Costa do Marfim)		Enredo	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>												Clímax	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>												Personagens	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>												<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; margin-top: 20px;"> <tr> <td style="width: 30%; text-align: center; vertical-align: middle; padding: 5px;">Desfecho</td> <td style="padding: 5px;"> <table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table> </td> </tr> </table>	Desfecho	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>											
A árvore de cabeça para baixo (uma história da Costa do Marfim)																																																							
Enredo	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>																																																						
Clímax	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>																																																						
Personagens	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>																																																						
Desfecho	<table border="1" style="width: 100%; height: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr><td style="height: 15px;"></td></tr> </table>																																																						

Módulo 5: Informações científicas sobre o baobá

- Exibição do vídeo “Um pé de quê baobá” parte 1 e 2 onde Regina Casé explica tudo sobre o baobá e viaja até Moçambique para conhecer mais dessa árvore
- **Links dos vídeos:**

https://www.youtube.com/watch?v=GFm-Mu8_8mk&t=377s – parte 1

<https://www.youtube.com/watch?v=XxZCICcrBoQ&t=14s> – parte 2

Intervenções:

- O que vocês acharam do vídeo?
 - Quais informações sobre o baobá mais chamou a atenção de vocês?
 - Já vimos alguma dessas informações nos contos que ouvimos?
- **PPT com informações sobre o baobá**
 - Após a exibição do vídeo, a professora fará uma apresentação em powerpoint sobre algumas informações sobre o baobá: frutos, flores, tronco, espécie e distribuição geográfica e baobá no Brasil. Essas informações são para enriquecer o repertório dos alunos sobre o baobá para posteriormente enriquecer a escrita de um conto sobre baobá.
 - Agora que vimos esse vídeo tão enriquecedor sobre o baobá, vamos conferir uma apresentação com algumas informações sobre o baobá que eu fiz para vocês. Durante a apresentação, vocês podem contribuir com o que já sabemos, se encontrarem algo na apresentação que já vimos no vídeo ou em algum outro momento dos nossos estudos sobre o baobá, podem fazer suas colocações.

Módulo 6: Quiz do Baobá

- Cada aluno ganhará uma lousa de folha A4 encapada com papel contact para escrever a alternativa correta da questão do quiz.
- **Explicação para os alunos:** Agora, vamos ver quem é bom de memória com o quiz do baobá! Aqui nesse quiz tem questões que vimos na apresentação sobre o baobá. Esse quiz é bem parecido com o vestibular e com a Provinha Brasil, onde temos que marcar a alternativa correta. Vocês irão escrever o número da alternativa na lousa e quando eu falar “Já!” vocês mostram a lousa para vermos se todos colocaram a mesma alternativa e se está correta ou não.
- O quiz será em powerpoint com as seguintes questões: (as alternativas em vermelho são as corretas)
- **O BAOBÁ É:**

- 1- A maior árvore do continente europeu.
- 2- **A maior árvore do continente africano.**
- 3- A maior árvore do continente asiático.
- 4 - A menor árvore do continente africano.
- O FRUTO DO BAOBÁ TEM:
- 1- Muito suco.
- 2- Pouco suco.
- **3- Não tem suco.**
- COM O FRUTO DO BAOBÁ FAZEMOS UMA BEBIDA QUE SE PARECE COM:
- 1- Refrigerante.
- 2- Vinho.
- **3- Café.**
- 4- Chá.
- AS FLORES DO BAOBÁ SÃO:
- 1- Cheias de néctar e exalam cheiro de rosas perfumadas.
- 2- **Cheias de néctar e exalam cheiro de carniça.**
- 3- Cheias de néctar e exalam cheiro de baunilha.
- 4- Cheias de néctar e exalam cheiro de morango.
- O TRONCO DO BAOBÁ É:
- **1- Oco, resistente ao fogo e pode armazenar até cem mil litros de água.**
- 2- Oco, resistente ao fogo e pode armazenar muitas flores.
- 3- Oco, resistente ao vento e pode armazenar fogo.
- O BAOBÁ TEM:
- 1- Oito espécies.
- 2- Dez espécies.
- **3- Nove espécies.**
- 4- Cem espécies.
- NO BRASIL, EXISTEM BAOBÁS EM:
- 1- Alagoas, Ceará, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.
- **2- Alagoas, Ceará, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro.**
- 3- Ceará, Goiás, Mato Grosso, Porto Alegre e São Paulo.
- 4- Alagoas, Rio de Janeiro, Goiás, Ceará e Mato Grosso.

Módulo 7: Produção de conto do baobá

- Cada aluno ganhará uma folha pautada para produzir seu conto sobre o baobá.
- Após o todos concluírem suas produções, serão convidados para realizarem a leitura de seu conto para os colegas.
- **Intervenções:**

- Agora que já trabalhamos dois contos sobre o baobá, que já vimos muitas informações sobre o baobá, está na hora de produzirmos nossos próprios contos sobre o baobá.
- Para que o conto seja completo, cada um deve pegar a folha sobre estrutura composicional do conto para consulta.
- No conto que vocês irão produzir deve ter:
- Um país da África onde o conto se passa. Pode consultar o mapa mundi.
- No mínimo dois personagens, lembrando que, no conto os animais e plantas podem falar, portanto, serem personagens.
- Enredo, clímax e desfecho. Consultem o material sobre a estrutura composicional do conto.

Módulo 8: Correção textual coletiva e individual

Correção textual coletiva:

Será feita uma correção textual coletiva dos contos que produziram sobre o baobá. A correção será feita no projetor, onde todos os textos serão fotografados e projetados no quadro para que juntos possamos fazer a correção do texto. A correção será das palavras com erros ortográficos e do sentido do texto, pensando em como o texto pode fazer mais sentido com algumas pontuações e substituições de algumas palavras. O dono do texto que estará sendo corrigido no quadro deve fazer as anotações necessárias para posteriormente melhorar seu texto.

Correção textual individual:

Cada aluno ganhará uma ficha de autocorreção para aprimorar seu texto e para ver se o texto está de acordo com a estrutura composicional de um conto.



FICHA DE AUTOCORREÇÃO DO TEXTO

	SIM	NÃO	OUTROS	
Coloquei título?				
O parágrafos estão bem demarcados?				
Fiz uso de sinais de pontuação?			Quais?	
Coloquei letra maiúscula no início das frases?			Às vezes.	
Minha letra é legível em todo o texto?			Posso melhorar:	
Devo arrumar em meu texto as palavras:			Escrevi assim:	O correto é assim:
Em meu texto há palavras de ligação: mas, então, entretanto, pois, no dia seguinte...			Quais?	
Meu texto apresenta parágrafos?			Quantos:	
Em meu texto há início, meio e fim? Indique o número do parágrafo.			Parágrafo inicial:	Parágrafo do meio: Parágrafo final:



Encontre no seu conto os seguintes tópicos sobre a estrutura composicional do conto:

Enredo	
Clímax	
Personagens	
Desfecho	

Culminância:

A culminância será a produção do livro com os contos produzidos pelos alunos.

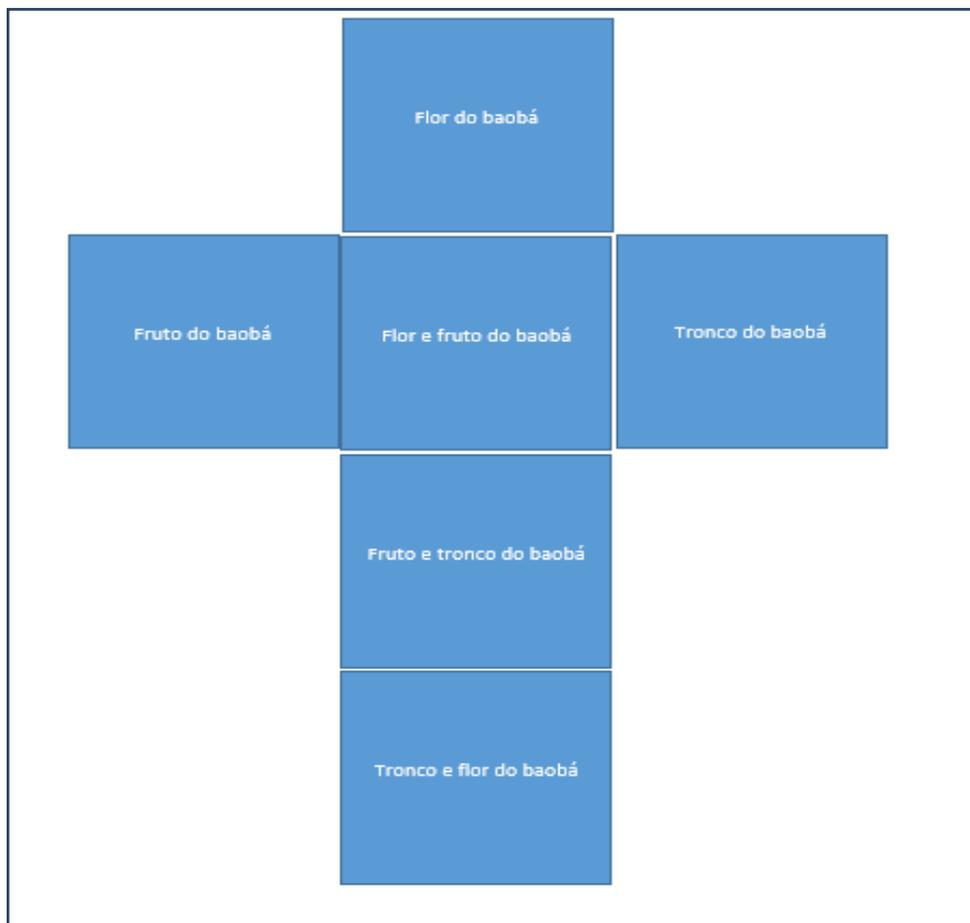
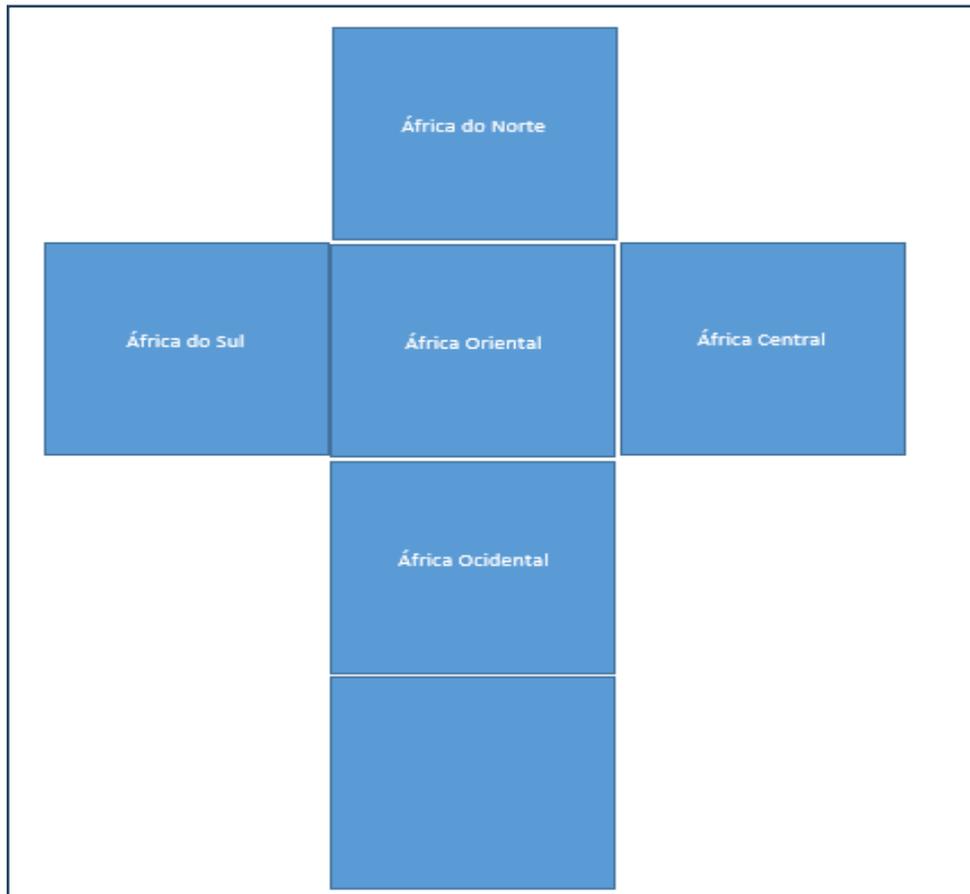
Cada aluno fará um desenho que ilustre seu conto para que seja a capa do mesmo. O livro será encadernado e o nome do livro será escolhido por votação. Aqueles que quiserem, poderão dar sugestões para o nome do livro e os nomes serão escritos no quadro para votação.

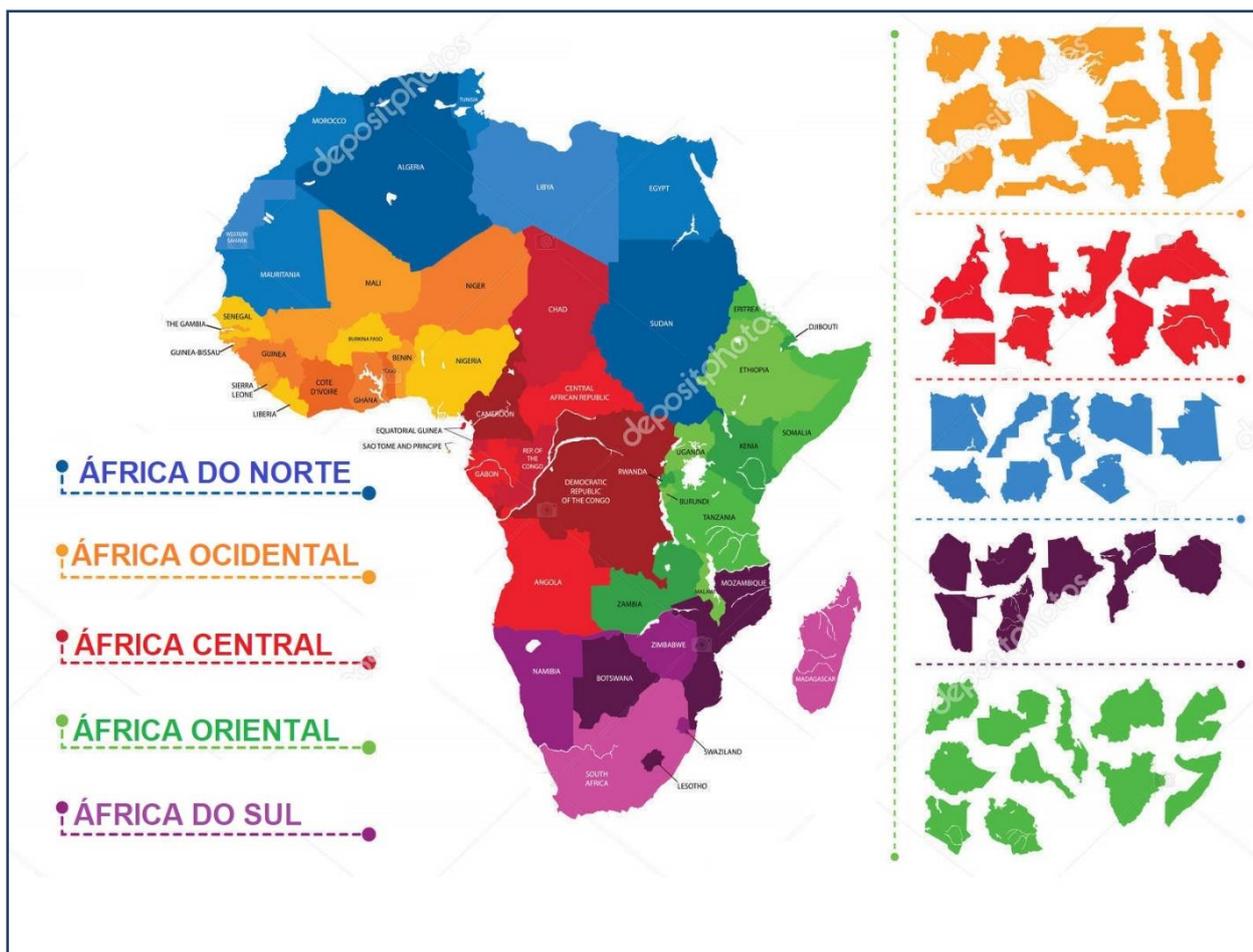
Planejamento: Produção de conto sobre o baobá

Descrição das estratégias:

Módulo 8: Produção de conto do baobá

- Cada aluno ganhará uma folha pautada para produzir seu conto sobre o baobá.
- Após todos concluírem suas produções, serão convidados a realizarem a leitura de seu conto para os colegas.
- **Intervenções:**
- Agora que já trabalhamos dois contos sobre o baobá, que já vimos muitas informações sobre o baobá, está na hora de produzirmos nossos próprios contos sobre o baobá.
- Para que o conto seja completo, cada um deve pegar a folha sobre estrutura composicional do conto para consulta. – A professora fará novamente a leitura sobre as características da estrutura do conto para retomar com os alunos.
- Cada um terá que jogar dois dados. Um dado é para escolher se o conto se passará em um país da África do Norte, África do Sul, África Oriental, África Ocidental ou África Central. – A professora colocará no projetor uma imagem que mostra as regiões da África para que os alunos consigam procurar no mapa mundi por um país da região selecionada. O outro dado será para que os alunos falem um pouco sobre algumas características do baobá durante o conto.
- O conto deve ter, no mínimo, dois personagens, lembrando que, no conto os animais e plantas podem falar, portanto, serem personagens.
- Enredo, clímax e desfecho. Consultem o material sobre a estrutura composicional do conto.





Módulo 9: Correção textual individual

Cada aluno ganhará uma ficha de autocorreção para aprimorar seu texto e para ver se o texto está de acordo com a estrutura composicional de um conto.

- Na ficha de autocorreção, nós temos perguntas que nos auxiliam a ver se nosso texto está completo. Por exemplo, “Coloquei título?”, então vocês verificam se colocaram título e colocam um “X” para sim ou não.
- “Devo arrumar em meu texto algumas palavras?”
- Vocês farão uma análise para ver se todas as palavras estão corretas, se tiver alguma não correta, vocês escrevam no quadro “Escrevi assim” do modo como escreveram no texto e no quadro “O correto é assim” a palavra do modo correto.
- No quadro que pede para indicar os números do início, meio e fim dos parágrafos, vocês devem numerar os parágrafos do texto para que consigam responder essa questão.



Nome: _____ Data: ____/____/____

FICHA DE AUTOCORREÇÃO DO TEXTO

	SIM	NÃO	OUTROS	
Coloquei título?				
O parágrafos estão bem demarcados?				
Fiz uso de sinais de pontuação?			Quais?	
Coloquei letra maiúscula no início das frases?			Às vezes.	
Minha letra é legível em todo o texto?			Posso melhorar.	
Devo arrumar em meu texto as palavras:			Escrevi assim:	O correto é assim:
Em meu texto há palavras de ligação: mas, então, entretanto, pois, no dia seguinte...			Quais?	
Meu texto apresenta parágrafos?			Quantos:	
Em meu texto há início, meio e fim? Indique o número do parágrafo.			Parágrafo inicial:	Parágrafo do meio: Parágrafo final:



Encontre no seu conto os seguintes tópicos sobre a estrutura composicional do conto:

Enredo	
Clímax	
Personagens	
Desfecho	

Planejamento: Ilustração do conto sobre o baobá

- **Ilustrando o conto**

Após a produção do conto sobre o baobá, será solicitado que cada criança faça um desenho para ilustrar seu conto, da forma que achar melhor, tendo em vista os seguintes aspectos:

- Agora que, finalmente, os contos já estão produzidos e revisados, nós precisamos do que para que o livro fique mais bonito e significativo?
- Um desenho que ilustre o que vocês escreveram em seus contos;
- Terão imagens no projetor para embasar os desenhos dos alunos;
- Será feita uma análise das imagens, pensando em questões sobre o que estará sendo projetando.



Planejamento: Relato sobre visita aos Territórios Negros

- **Pré-campo Territórios Negros**
- **Algumas perguntas que serão feitas aos alunos:**
- Vocês sabem o que são Territórios Negros? O que são Territórios Negros de Porto Alegre? Para que eles servem? Porque existem? Qual a importância de irmos até os Territórios Negros?
- A professora irá projetar slides com informações relevantes sobre os Territórios Negros de Porto Alegre para que os alunos identifiquem os locais por onde iremos passar e quais os significados de cada ponto que passaremos, assim como identificar alguns locais por onde já passaram com seus familiares e não sabiam da História desses locais.
- Abaixo, algumas informações que compõem os slides:

Pontos do Percurso

1. Mercado Público de Porto Alegre
 - Bará do Mercado
 - Painel Afrobrasileiro
2. Praça da Alfândega
 - Pegada Africana
 - Largo das Quitandeiras
3. Igreja das Dores
 - Pelourinho
4. Praça Brigadeiro Sampaio / Largo do Tambor
 - Largo da Forca

HORÁRIOS:

5. 8h - 9h: traslado CAp/Centro
6. 9h - 9h30min: mercado público
7. 9h30min - 9h40min: caminhada até alfandega
8. 9h40min - 10h: Praça da Alfândega
9. 10h - 10h10min: caminhada até Igreja das Dores
10. 10h10min - 10h40min: Igreja das Dores
11. 10h40min - 10h50min: caminhada até praça do tambor
12. 10h50min - 11h30min: praça do tambor.

13.11h30min - 12h: traslado Centro/CAP.

Mercado Público

- “O coração da cidade”. Por décadas, o lugar privilegiado de abastecimento dos mais variados alimentos necessários à população.
- Inaugurado em 1844, passou por variadas reformas e desastres.
 - 1869: traçado atual
 - 1913: segundo piso
 - 1915: câmara fria
 - 1912, 1976, 1979 e 2013: incêndios
 - 1941: grande enchente
 - Quase foi demolido no início dos anos 1970
 - 1997: grande reforma com a cobertura interna

Mercado Público – Paineiro afro-brasileiro

- Marca das presenças cotidianas negras na região central de Porto Alegre, remetendo aos valores civilizatórios afro-brasileiros

Mercado Público – Bará

- Assentamento do Bará Agelu Olodiá – Orixá que abre os caminhos, dos movimentos, da abundância
 - Parecido com “Hermes”, na mitologia grega
- Assentamento atribuído ao Príncipe Custódio ou os escravizados que construíram o mercado

Largo das quitandeiras / Pegada africana

- “Negras minas”, escravas de ganho (mocotó e canjica, amendoim e pinhão, ervas medicinais)
- Reafirmação da presença no território
- Cores: vermelho das pedras, verde da vegetação, amarelo dos edifícios e preto da pegada = cores do panafricanismo;
- Reforçar a proximidade com o Cais, como lugar de contatos, comércio e também de fuga

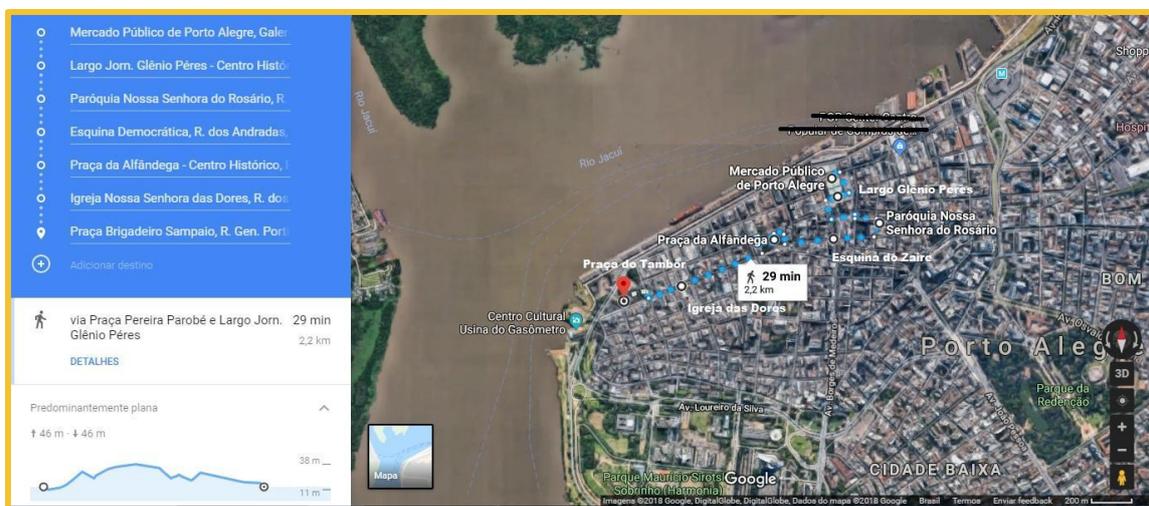
Igreja das Dores / Pelourinho

- Igreja mais antiga de Porto Alegre. Iniciou a construção em 1807, inaugurada apenas em 1903.

- Lenda de Josino (roubo da coroa ou do material de construção), e a praga para a Igreja: se ele fosse inocente, seu senhor nunca veria aquela igreja pronta.
- Ele fora chibatado neste espaço, onde ficava o pelourinho (lugar público para os castigos físicos)

Tambor / Largo da Força

- Embora muitos perderam a vida neste espaço (22 pessoas, na maioria negras), o tambor é colocado com um sentido de resistência
- Tambor como símbolo da vida, e da comunicação
- Apresenta 12 figuras que repercutem a trajetória de um povo: dor, alegria, luta e perseverança.



Referência para elaboração dos slides:

GIACOMONI, Marcello Paniz. **Espetacular guia para a saída de campo ao Percurso do Museu do Negro no Centro Histórico de Porto Alegre.** s/a. 12 slides.

- **Escrita sobre a saída de campo:**
- A professora pedirá para que os alunos escrevam o que aprenderam sobre os pontos do percurso dos Territórios Negros no caderno. A professora perguntará quais foram os pontos de percurso que fizemos e anotará no quadro. Solicitará que cada aluno escreva um relato sobre o que aprendeu sobre cada ponto do percurso e qual a importância de conhecer a história de cada um deles.

Planejamento: A criação de orixá como super-herói:

- **Orixás:**

No primeiro momento, A professora escreverá no quadro a palavra “Orixá” e perguntará se alguém sabe o significado daquela palavra: Alguém já ouviu falar essa palavra? É uma palavra brasileira? Vocês sabem o significado dela? Será que eles têm alguma relação com o baobá?

Então, a professora explicará qual a relação dos orixás com o baobá:

O baobá é considerado morada dos orixás, a passagem deles do plano espiritual para o material é o tronco do baobá. Os baobás são símbolos de resistência dos povos negros e oprimidos. A longevidade do baobá é um dos elementos que o associa à religiosidade afrodescendente. Ele consegue viver em torno de 600 anos e pode ultrapassar os 30 metros de altura. Há testes que indicam que ele pode viver por muito mais tempo. As intempéries ou outras adversidades climáticas não conseguem fazê-lo sucumbir facilmente. Assim como ocorre com os cultos africanos, dos quais derivaram a Umbanda e o Candomblé. Mesmo perseguidos, intolerados e alvos de violência e crueldade, os adeptos seguem firmes na sua fé, de forma semelhante à resistência do baobá em terras áridas. Ou seja, são divindades que resistiram com os povos africanos durante o tempo da escravidão e que são muito importantes até hoje, não só para esses povos, mas para os descendentes de africanos que cultuam até hoje esses orixás. Eles têm ligação com a natureza, pois são grandes protetores da mesma, assim como da humanidade.

- **Lendas sobre os orixás e conexão com a natureza**

A professora convidará os alunos a irem até o pátio para, em roda sentados no chão, ouvirem algumas histórias sobre os orixás, essas histórias serão contadas pelo monitor Wellington que é um religioso de matriz africana e sábio nos contos sobre os orixás e suas conexões com a natureza e a humanidade. Será um momento muito importante de troca cultural e, após a conversa, iremos propor que cada criança sinta os elementos da natureza: Feche os olhos para sentir o sol. Toque e cheire a grama, pode pisar de pés descalços. Sentir a terra. Olhar as árvores. Cada detalhe da natureza tem a proteção de um orixá.

- **Slides sobre os orixás**

Após o momento de conexão com a natureza, a professora irá apresentar slides contendo os nomes dos orixás, aquilo que cada um representa e protege na natureza e sua imagem.

- **Quiz dos orixás**

Cada aluno ganhará uma lousa de folha A4 encapada com papel contact para escrever a alternativa correta da questão do quiz.

- Já que vocês gostaram tanto do quiz do baobá, vamos ver quem é bom de memória com o quiz dos orixás!
- Vocês se lembram das regras do quiz? Quais são?

- O quiz será em powerpoint.
- **Os orixás são...**
 1. Divindades indígenas
 2. Divindades greco-romanas
 3. Divindades budistas
 4. **Divindades africanas**
- **O elemento mar tem como divindade protetora**
 1. Oxum
 2. Oxalá
 3. **Iemanjá**
- **Iansã é a rainha da...**
 1. Da terra
 2. Do céu
 3. **Das tempestades**
- **Ogum é...**
 1. **Guerreiro**
 2. Agricultor
 3. Pescador
- **Os elementos de Oxalá são:**
 1. Atmosfera e mar
 2. Céu e mar
 3. **Atmosfera e céu**
- **Oxum é a deusa...**

1. Do carinho

2. Do amor

3. Da felicidade

- **Deuses da mitologia africana como super-heróis (apresentação da proposta)**
- Será apresentado para a turma slides com alguns super-heróis mais conhecidos, sua missão na Terra, seus superpoderes e sua principal arma/símbolo. Faremos algumas considerações sobre qual a importância desses super-heróis para seu povo e, após, a professora seguirá a apresentação mostrando alguns deuses da mitologia africana, sua missão na Terra, seus “superpoderes” e suas principais armas/símbolos e perguntarei qual a semelhança e qual a diferença entre os super-heróis apresentados antes e os deuses apresentados após. O objetivo é fazer com que os alunos assimilem a semelhança dos deuses da mitologia africana com os super-heróis para que vejam que esses deuses são importantes para o seu povo, para aqueles que acreditam e que necessitam deles para terem segurança, conforto e esperança.
- **Deuses da mitologia africana como super-heróis (desenho dos deuses como super-heróis)**
- Após a conversa sobre as semelhanças e diferenças entre os super-heróis e os deuses da mitologia africana, a professora solicitará que cada aluno escolha um dos deuses para fazer uma representação desse deus como um super-herói em forma de desenho.
- Que tal transformarmos os deuses da mitologia africana em verdadeiros super-heróis?
- Vale usar toda a sua criatividade para desenhar o deus escolhido para representar como orixá.
- Não se esqueçam de levar em consideração os superpoderes, as armas/símbolos de cada um, as cores das roupas e de inventarem um uniforme de super-herói para eles.

